



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LETRAS E TRADUÇÃO – LET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA – PGLA

LUCAS BARBOSA DE MELO

METÁFORAS EM LÍNGUAS INDÍGENAS: CONCEPTUALIZAÇÃO DE EMOÇÕES

BRASÍLIA
2019

LUCAS BARBOSA DE MELO

METÁFORAS EM LÍNGUAS INDÍGENAS: CONCEPTUALIZAÇÃO DE EMOÇÕES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília como requisito parcial a obtenção do título de mestre em Linguística Aplicada.

Orientador: Prof. Dr. Enrique Huelva Unternbäumen

BRASÍLIA
2019

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA E CATALOGAÇÃO

MELO, Lucas Barbosa. **METÁFORAS EM LÍNGUAS INDÍGENAS: CONCEPTUALIZAÇÃO DE EMOÇÕES**. Brasília: Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, 2019. Dissertação de Mestrado.

Documento Formal, autorizando a produção desta dissertação de mestrado para empréstimo ou comercialização, exclusivamente para fins acadêmicos, foi passado pelo autor à Universidade de Brasília e acha-se arquivado na secretaria do programa. O autor reserva para si os outros direitos autorais de publicação. Nenhuma parte desta dissertação de mestrado pode ser reproduzida sem a autorização por escrito do autor. Citações são estimuladas, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Bm	BARBOSA DE MELO, LUCAS METÁFORAS EM LÍNGUAS INDÍGENAS: CONCEPTUALIZAÇÃO DE EMOÇÕES / LUCAS BARBOSA DE MELO; orientador ENRIQUE Huelva Unternbäumen . -- Brasília, 2019. 74 p.
	Dissertação (Mestrado - Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade de Brasília, 2019.
	1. Metáfora. 2. Metonímia. 3. línguas indígenas . 4. emoção. I. Huelva Unternbäumen , ENRIQUE, orient. II. Título.

Lucas Barbosa de Melo

METÁFORAS EM LÍNGUAS INDÍGENAS: CONCEPÇÃO DAS EMOÇÕES

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.

Aprovada por:

Doutor Enrique Huelva Unternbäumen - PPGLA/Universidade de Brasília (UnB)
Orientador

Doutora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral - PPGL/ Universidade de Brasília (UnB)
Examinadora

Doutora Juliana Soledade Barbosa Coelho - PPGL/ Universidade de Brasília (UnB)
Examinadora

Doutora Rozana Reigota Naves - PPGL/ Universidade de Brasília (UnB)
Suplência

Brasília, 29 de abril de 2019

*Aos trabalhadores brasileiros que sustentam, por meio dos tributos, a Universidade pública!
Aos povos originários da América que resistem há mais de 500 anos!*

AGRADECIMENTOS

Minha eterna gratidão à minha família que, além de uma base sólida, me condicionou todas as oportunidades para chegar até aqui, especialmente aos meus pais, Carmen e Wilio, pelo incansável apoio, incentivo e dedicação porque sem eles não existira essa dissertação de mestrado. À minha querida irmã Loiane, além do apoio moral, me ajudou na tradução e na compreensão dos textos em língua inglesa. Não menos importante, minhas tias, tios, primos e primas por todo apoio.

Ao meu orientador, professor Enrique Huelva Unternbäumen, por ter me apresentado, ainda na graduação, a Teoria das Metáforas Conceptuais (TMC) que desde então transformou a maneira como leio o mundo, assim como pela competência e a disponibilidade na condução da orientação.

À professora Ana Suelly Câmara de Arruda Cabral pelos ensinamentos sobre linguística, sem ela o rigor na análise dos dados não seria possível, além da dedicação ao trabalho e aos povos originários, me ensinou o princípio ético de como deve ser o papel do linguista não indígena que busca contribuir com os povos originários e não apenas usá-los como fonte de dados.

Às professoras Juliana Soledade e Rozana Reigota que aceitaram participar da banca e, principalmente, pelas contribuições significativas à versão final.

À professora Janaina Soares Alves, minha primeira orientadora de iniciação científica, pelo apoio, incentivo e exemplo de vida em nome dela a todos professores da UnB, especialmente do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PGLA) pela dedicação em compartilhar e construir novos saberes que foram fundamentais para minha formação acadêmica e profissional.

Aos colaboradores desta pesquisa, Iran Ikóló, Frankito Apolinário, Valkiria Apolinário, Elizeu Waduiquí, Rosileide Barbosa e Armando Sopré, sem eles não haveria pesquisa, mas para além dos dados para esta dissertação, é imensurável o que aprendi sobre suas línguas e cultura que muitas vezes me fez deslocar da posição eurocêntrica para buscar compreender como eles leem o mundo do branco e seus mundos.

Aos trabalhadores e trabalhadoras da Universidade de Brasília, desde terceirizados (as), estagiárias(os) e o corpo técnico que fazem essa Instituição funcionar e, em nome dos trabalhadores da Universidade, agradeço a todos os trabalhadores que sustentam por meio dos impostos a universidade pública, gratuita e de qualidade.

Não menos importante, às minhas amigas e amigos por todo apoio e incentivo!

Por fim, repudiamos o governo brasileiro e o atual ministro da educação que a todo custo tenta sucatear a universidade pública, acabar com sua gratuidade e com o financiamento público da pesquisa, além de desacreditar na ciência. Governo que contribui também para o genocídio dos povos originários do Brasil.

RESISTIREMOS!

"As línguas indígenas constituem [...] um dos pontos para os quais os linguistas brasileiros deverão voltar a sua atenção. Tem-se aí, sem dúvida, a maior tarefa da linguística no Brasil."
Aryon Dall'Igna Rodrigues (1966)

RESUMO

O objetivo desta dissertação é apresentar a descrição de expressões linguísticas que são estruturadas metafóricamente e metonimicamente nas línguas indígenas brasileiras e sua respectiva conceptualização das emoções nas línguas Baniwa, Gavião Ikólóehy, Kaiowá, Kayabí, Xavante e Xerente. Este trabalho está ancorado na Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) que compreende que a metáfora é um mecanismo da cognição humana que desempenha um papel fundamental na construção, organização e compreensão do mundo e da experiência humana. (LAKOFF; JOHNSON, 1980). O *corpus* foi formado por eventos comunicativos reais, respeitando o princípio metodológico *Usage-Based Models of Languages* (BARLOW; KEMMER, 2000). O método de procedimentos de identificação metafórica utilizado foi o *Metaphor Identification Procedure* (MIP) proposto pelo Pragglejaz Group (2007). As línguas indígenas brasileiras, cujos dados foram analisados nesse estudo, apresentam construções metafóricas e metonímicas nos domínios-fonte da fauna e flora, do corpo humano, das ferramentas, construções e edificações, dimensões físicas como grande e pequeno, das formas como achatado e redondo, das sensações físicas como calor, frio, forças, percepções visuais de claro escuro, de deslocamento no espaço, das entidades míticas e artefatos que se manifestam em itens lexicais, locuções com núcleos de diferentes classes de palavras e orações simples e complexas. Os dados indicam que o conceito de EMOÇÃO é estruturado pelas metonímias EFEITO DA EMOÇÃO PELA EMOÇÃO e CORPO ESTÁ LOCALIZADO NA EMOÇÃO e pelas as metáforas EMOÇÃO É OBJETO e EMOÇÃO É ORGANISMO VIVO.

Palavras-chave: Metáfora. Metonímia. Línguas indígenas. Emoção.

ABSTRACT

The objective of this dissertation is to present the description of linguistic expressions that are metaphorically and metonymically structured in Brazilian native languages and their respective conceptualization of emotions in Baniwa, Gavião Ikólóehy, Kaiowá, Kayabí, Xavante and Xerente languages. This work is anchored in the Conceptual Metaphor Theory (CMT) which understands that metaphor is a mechanism of human cognition that plays a fundamental role in the construction, organization and understanding of the world and human experience. (LAKOFF; JOHNSON, 1980). The corpus was formed by real communicative events, respecting the methodological principle Usage-Based Models of Languages (BARLOW; KEMMER, 2000). The method of metaphorical identification procedures used was the Metaphor Identification Procedure (MIP) proposed by the Pragglejaz Group (2007). The Brazilian native languages, whose data were analyzed in this study, present metaphorical and metonymic constructions in the source domains of fauna and flora, the human body, tools, constructions and buildings, physical dimensions as large and small, as flat and round, physical sensations such as heat, cold, forces, visual perceptions of dark and light, space displacement, mythical entities and artifacts manifesting in lexical items, phrases with nuclei of different word classes, and simple and complex sentences. The data indicate that the concept of EMOTION is structured by the metonymy EFFECT OF EMOTION BY EMOTION and BODY IS LOCATED IN EMOTION and the metaphors EMOTION IS OBJECT and EMOTION IS LIVE ORGANISM.

Keywords: Metaphor. Metonymic. Brazilian native languages. Emotion

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Modelo de restrição de participação progressiva de Barcelona.....	40
Figura 02 – Tipos de linguagem da emoção.....	46

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Mapeamentos metafóricos de GOVERNAR É GUERRA.....	21
Quadro 02 – Metáforas da vida	22
Quadro 03 – Categoria prototípica dos padrões metonímicos de Peirsman Geeraerts.....	35
Quadro 04 – Emoções básicas ou prototípicas de acordo com vários autores.....	41

LISTA DE ABREVIATURAS

1 = PRIMEIRA PESSOA

2 = SEGUNDA PESSOA

3= TERCEIRA PESSOA

ADJ = ADJETIVO

ASS = ASSOCIATIVO

CC = CAUSATIVO COMITATIVO

DET = DETERMINANTE

DNT =DETERMINADO

EST = ESTATIVO

EX= EXEMPLO

EXCL = EXCLUSIVA

INCL= INCLUSIVA

LC = LOCATIVO

LIT = LITERALMENTE

N = NOME

N. CIRC = NOMINALIZADOR DE CIRCUNSTÂNCIA

NOM = NOMINALIZADOR

PERL = PERLATIVO

PL= PLURAL

POSS = POSSESSIVO

PRIV = PRIVATIVO

R¹= RELACIONAL 1

R² = RELACIONAL 2

R⁴ = RELACIONAL 4

REL = RELATIVO A

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
1.1 Justificativa	15
1.2 Objetivos.....	16
1.3 Línguas indígenas brasileiras	16
1.4 Organização da dissertação	17
2. CAPTULO TEÓRICO	19
2.1 Teoria da Metáfora Conceptual (TMC).....	19
2.2 Tipologia da metáfora conceptual.....	22
2.3 Cognição corporificada	25
2.4 Metáforas primárias e complexas	26
2.5 Universalidade da metáfora.....	28
2.6 Metáfora, língua e cultura	29
2.7 Variação metafórica.....	31
2.8 Metonímia Conceptual	32
2.9 Tipologia da Metonímia Conceptual.....	37
2.10 Interação entre metáfora e metonímia	39
2.11 Metáfora e emoções	40
3. CAPÍTULO METODOLÓGICO	43
3.1 Natureza da pesquisa.....	43
3.1.1 <i>Pesquisa qualitativa</i>	43
3.1.4 <i>Corpus</i> linguístico	44
3.2 Contexto da pesquisa.....	44
3.2.1 <i>Participantes</i>	44
3.2.2 <i>Questões éticas</i>	45
3.3 Coleta de dados	45
3.3.1 <i>Revisão bibliográfica</i>	46
3.3.2 <i>Entrevista semiestruturada</i>	46
3.4 Procedimento de análise de dados.....	47
4. METÁFORAS EM LÍNGUAS INDÍGENAS	50
4.1 Construções metafóricas nas línguas indígenas brasileiras	50
4.2 Emoções nas línguas indígenas brasileiras.....	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65
ANEXO - Línguas indígenas brasileiras	69

1. INTRODUÇÃO

O tema desta dissertação é a descrição nas línguas indígenas brasileiras Baniwa, Gavião Iḱólóehy, Kaiowá, Kayabí, Xavante e Xerente de expressões linguísticas relacionadas à categoria das emoções que são estruturadas por meio de metáforas e metonímias conceptuais.

Este trabalho está ancorado na linguística cognitiva que compreende a linguagem humana, conforme aponta Silva (1997), como um instrumento de organização, processamento e transmissão de informação semântico pragmática, e não como sistema independente em que as unidades e as estruturas da linguagem são vistas como entidades autônomas, mas sim como manifestações de capacidades cognitivas gerais, da organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual.

As metáforas são bastantes produtivas nas línguas naturais e categoriza vastas áreas da experiência humana. A Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) de George Lakoff e Mark Johnson (1980), amplamente testada em diversos estudos sobre diferentes línguas, compreende que metáfora é mecanismo da linguagem e do pensamento que desempenha um papel fundamental na construção e organização das experiências humanas na vida cotidiana.

As expressões linguísticas analisadas nesta dissertação têm base metafórica e ou metonímica e apresentam uma enorme diversidade de funções nas línguas. O recorte das emoções deu-se porque, conforme Abreu (2015), a conceptualização das emoções não é dada arbitrariamente, mas se constitui a partir de nossas experiências, sendo frequentemente estruturadas por metáforas que estão no nível da cognição e que nos permitem compreender e falar sobre as experiências abstratas, como as emoções, em termos de experiências mais concretas.

1.1 Justificativa

A iniciativa de pesquisar as metáforas conceptuais das línguas indígenas brasileiras se deu porque no Brasil há pouquíssimos estudos a respeito de como se manifesta o fenômeno das metáforas conceptuais nas línguas indígenas brasileiras, além de, por meio da análise dos dados linguísticos, comprovar a validade da Teoria das Metáforas Conceptuais nas línguas indígenas brasileiras.

As metáforas estruturam não apenas os conceitos abstratos como as emoções, mas todo conhecimento de mundo, porque, conforme com professor Aryon Rodrigues (2011), maior especialista em línguas indígenas brasileiras, cada língua está intimamente ligada aos processos cognitivos e a experiência acumulada pelo povo que a fala através de sucessivas gerações que

formaram o imenso acervo de conhecimentos integrados que é a cultura, têm sua expressão mais ampla e mais precisa na língua que sedes em matéria de ciência nativa.

O estudo sistemático das metáforas permite facilitar a aprendizagem dessas línguas e facilitar o acesso a uma gama de conhecimentos que, para Rodrigues (2013), só se torna realmente acessível ao pesquisador através da compreensão da língua indígena. Nas línguas analisadas, os domínios-fonte relacionados à cultura de cada povo é bastante produtivo o que permite, intercambiar uma diversidade de conhecimentos entre indígenas e não indígenas.

O recorte das emoções se justifica pela grande diversidade de expressões linguísticas que codificam o conceito de emoções que são estruturadas metaforicamente em diversas línguas naturais, mas assim como há poucos estudos sobre as construções metafóricas nessas línguas, são mais escassos ainda os estudos sobre a conceptualização das emoções nas línguas brasileiras.

1.2 Objetivos

Ante as justificativas expostas acima, o objetivo central desta dissertação é a descrição nas línguas estudadas das principais metáforas linguísticas que manifestam o conceito de EMOÇÃO, assim como a descrição de expressões linguísticas que são estruturadas por meio de metáforas e metonímias conceptuais nas línguas analisadas.

Os objetivos específicos são a identificação das estruturas linguísticas metafóricas metonímicas nas línguas estudadas, o mapeamento dos principais domínios-fonte, o mapeamento dos principais domínios-alvo emocionais, mapeamento e descrição dos neologismos que são estruturados metaforicamente. Estes objetivos buscam também comprovar a validade da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) nas línguas indígenas brasileiras.

1.3 Línguas indígenas brasileiras

Conforme o Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Brasil há 817.963 mil indígenas, representando 305 diferentes etnias que falam 274 línguas indígenas distribuídas em todo o território nacional. Essa quantidade de línguas é resultante do critério metodológico utilizado pelo IBGE que leva em consideração dois requisitos que levou em consideração se o indígena falava uma língua indígena e, em caso de resposta positiva, qual o nome da língua, podendo ser respondida até duas línguas faladas. (PEREIRA, 2016).

O Instituto Socioambiental (ISA) aponta que hoje há 190 línguas faladas no Brasil. Dentre essas, apenas X línguas possuem mais de 5 mil falantes: Apurinã, Ashaninka, Baniwa,

Baré, Chiquitano, Guajajara, Guarani (Ñandeva, Kaiowá, Mbya), Galibi do Oiapoque, Ingarikó, Huni Kuin, Kubeo, Kulina, Kaingang, Mebêngôkre, Macuxi, Mundurucu, Sateré Mawé, Taurepang, Terena, Ticuna, Timbira, Tukano, Wapichana, Xavante, Yanomami e Ye'kwana.

De acordo com Rodrigues (2013), no Brasil os nomes das línguas são, na maioria dos casos, os mesmos nomes atribuídos aos respectivos povos. São raros os casos em que se fixaram na literatura especializada ou no uso geral com um nome distinto para a língua, como o caso da língua Yatê que é falada pelo povo Funiô. Ainda de acordo com Rodrigues (2013), no Brasil são faladas aproximadamente 200 línguas.

As línguas são classificadas em agrupamentos genéticos, como troncos e famílias linguísticas. Os troncos linguísticos são formados por famílias que, segundo Rodrigues (2013), “revelam uma afinidade genética mais distante no tempo e constituem uma unidade mais ampla”. A classificação das línguas em famílias segue determinados critérios genéticos.

As línguas são classificadas em famílias de acordo com critérios genéticos: se situam em uma mesma família de línguas para as quais há evidência científica de que derivam, por evolução a longo do tempo, de uma mesma língua no passado mais ou menos remoto, mantendo um determinado nível de afinidade em sua gramática e em seu léxico. (RODRIGUES, 2013, p. 12).

De acordo com a divisão elaborada por Rodrigues (1986), no Brasil existem 42 famílias linguísticas genéticas, só a família Tupí-Guaraní possui mais de 30 línguas vivas, anexado a esta dissertação, encontra-se o quadro organizado por Rodrigues (2013), que apresenta as línguas indígenas brasileiras de acordo com sua família linguística, tronco, unidade da federação. Foi suprimido o número de falantes devido a flutuação dessas populações. Ressalta-se que dados presentes no quadro necessitam ser atualizados.

As línguas analisadas são Baniwa que pertence à família linguística Aruak, Gavião Ikólóehy da família Mondé, Kaiowá e Kayabi da família Tupí-Guaraní, Xavante e Xerente da família linguística Jê Central. A escolha dessas línguas se deu porque os colaboradores desta dissertação são falantes proficientes de suas línguas, com exceção da língua Kayabi, e egressos ou estudantes do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade de Brasília (UnB), que desenvolvem pesquisa linguística sobre suas línguas no Laboratório de línguas e literaturas indígenas (LALLI) da UnB sob supervisão da professora doutora Ana Suely Câmara de Arruda Cabral.

1.4 Organização da dissertação

O primeiro capítulo é composto por estas considerações iniciais, que constam as justificativas e os objetivos deste trabalho, além de uma brevíssima descrição das línguas

indígenas brasileiras. O segundo capítulo, apresenta, em linhas gerais, o referencial teórico adotado neste trabalho, está dividido em 11 seções que correspondem a descrição da Teoria da Metáfora Conceptual, a classificação da metáfora conceptual, a tese de corporificação, as metáforas primárias e complexas, a universalidade da metáfora, a relação entre metáfora, língua e cultura, a variabilidade metafórica, a metonímia conceptual, a tipologia da metonímia conceptual, a interação entre metáfora e metonímia e por fim, a última seção sobre metáfora e emoções.

O capítulo metodológico é composto por quatro seções, a primeira descreve a natureza da pesquisa, descrevendo a pesquisa qualitativa e seu princípio metodológico que norteia este trabalho, a caracterização do *corpus* linguístico e suas etapas. A segunda seção apresenta o contexto da pesquisa, os participantes e as questões éticas. A terceira seção descreve a coleta de dados e por fim, a última parte deste capítulo é composta pela descrição do procedimento de análise de dados metafóricos.

O quarto capítulo, *Metáforas nas línguas indígenas*, está dividido em duas seções. A primeira parte apresenta um conjunto de expressões linguísticas estruturadas por meio de metáfora e metonímia conceptuais nas línguas analisadas nesta dissertação. A última seção apresenta a análise das expressões linguísticas que codificam o conceito de EMOÇÃO.

Por fim, o capítulo final traz as considerações finais sobre este trabalho, seguido das referências bibliográficas e o anexo.

2. CAPTULO TEÓRICO

2.1 Teoria da Metáfora Conceptual (TMC)

O estudo do fenômeno da metáfora remonta à antiguidade clássica. Aristóteles foi o primeiro que a definiu como recurso da linguagem baseado na similaridade, tida como um desvio da linguagem literal e objetivista. A etimologia da palavra metáfora é originária do grego *metaphōrā*, formada a partir de dois elementos, *meta* que significa “sobre” e *pherein* “transporte”. Na *Poética* e na *Retórica*, o filósofo grego a classifica como o transporte a uma coisa de um nome que designa um outro, transporte quer do gênero à espécie, quer da espécie ao gênero, quer da espécie a espécie ou segundo a relação de analogia. Aristóteles definiu a metáfora para designar um conjunto de figuras de linguagem usadas na retórica.

Ao longo da história, as metáforas foram objeto de estudo e de interpretações, mas sempre relacionadas a um recurso estilístico característico da retórica, usada com a finalidade estética diferenciando-se do uso das palavras e expressões em seu sentido literal. Entretanto, foi com o avanço dos estudos no campo das ciências cognitivas que o conceito tradicional das metáforas foi redefinido. Em 1980, os linguistas George Lakoff e Mark Johnson apresentam a **Teoria da Metáfora Conceptual (TMC)**, na obra *Metaphors we live by*, traduzida para a língua portuguesa como *Metáforas da vida cotidiana* (2002), que revolucionou os estudos e a compreensão a respeito da metáfora.

Consoante Lakoff e Johnson (1980), a metáfora não é apenas um recurso estilístico e literário, mas um mecanismo da cognição humana que estrutura nosso sistema conceptual para a compreensão do mundo e da experiência humana.

A metáfora é para a maioria das pessoas um mecanismo da imaginação poética e do florescimento retórico – uma questão extraordinária da linguagem. Além disso, a metáfora é normalmente vista como característica da linguagem por si só, uma questão de palavras, em vez de pensamento ou ação. [...] Nós descobrimos que, pelo contrário, a metáfora é generalizada na vida cotidiana, e não apenas na linguagem, mas em pensamento e ação. Nosso sistema conceitual, em termos de como nós pensamos e agimos, tem sua natureza fundamentalmente metafórica. (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 3).

O linguista cognitivo húngaro Zoltán Kövecses (2010) afirma que o pensamento abstrato é definido em grande parte pela metáfora porque é resultante da maneira pela qual o corpo humano restringe como se pensa sobre conceitos abstratos tais como, as noções de tempo, emoção, moralidade e política. Por isso, a metáfora é um fenômeno multifacetado que envolve não apenas a linguagem, mas também o sistema conceptual, bem como a estrutura sociocultural e a atividade neurocorporal.

No livro *Metáforas da vida cotidiana*, Lakoff e Johnson demonstram que o conceito de

DISCUSSÃO é estruturado pela metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA que se manifesta numa grande variedade de expressões: seus argumentos *são indefensáveis* (*your claims are indefensible*), ele *atacou todos os pontos fracos* da minha argumentação (*he attacked every weak point in my argument*), suas críticas foram *direto ao alvo* (*his criticisms were right on target*). Os autores explicam que as pessoas não apenas falam discussão em termos de guerra, mas o conceito de GUERRA estrutura as ações que se realizam quando se discute. “Neste caso, DISCUSSÃO É GUERRA, estrutura (pelo menos parcialmente) o que fazemos quando discutimos, assim como a maneira pela qual compreendemos o que fazemos” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 47).

Lakoff e Johnson (2002) definem que a metáfora conceptual é constituída por **mapeamentos** (*mappings*) entre domínios cognitivos conceptuais: o **domínio-fonte** (*source domain*) e o **domínio-alvo** (*target domain*). Kövecses (2005) descreve que a metáfora é entendida como um domínio conceptual em termos de outro domínio conceptual em que há uma relação correspondente sistemática entre o domínio-fonte e o domínio-alvo, no sentido de que os elementos conceptuais constituintes de B correspondem ao elemento constituinte de A. Já para Croft e Cruse (2004), a metáfora envolve a interação entre dois domínios construídos a partir de duas regiões de significado, e o conteúdo do domínio-fonte consiste em um ingrediente do alvo, construído por meio de processos de correspondência e mesclagem.

O **domínio-fonte** é o domínio de natureza mais concreta e experiencial. Nas palavras de Kövecses (2010, p. 17), o domínio-fonte é tipicamente mais concreto ou fisicamente mais claramente delineado que o domínio-alvo. Os domínios-fonte mais comuns são; o corpo humano, tanto partes externas como internas, os animais, as plantas, edificações e construções, ferramentas, objetos, calor/frio, claro/escuro, forças, movimentos e direção. Esses domínios frequentemente mapeiam no domínio-alvo características além das correspondências básicas. Esses mapeamentos são chamados de desdobramentos. (KÖVECSES, 2010, p. 267).

Para Kövecses (2010), o **domínio-alvo** é o domínio de natureza mais abstrata, difuso e sem uma delimitação clara; como resultado, ele “clama” por conceptualização metafórica, sendo os domínios-alvo mais recorrentes as emoções, os desejos, a moral, o pensamento, sociedade/nação/povo, política econômica, comunicação, relações humanas, vida/morte, tempo, religião, eventos e ações. (KÖVECSES, 2010, p. 23).

Os **mapeamentos** (*mappings*) são correspondências conceptuais entre os domínios conceptuais, que se baseiam nas interações da percepção humana, nas experiências corpóreas em interação com o mundo físico e cultural. Para Silva e Leite (2015), os mapeamentos são sistemáticos, parciais, unidirecional (fonte para o alvo) e geralmente torna-se automático e

inconsciente.

De acordo com Kövecses (2010), a escolha de um domínio-fonte particular para determinar um domínio-alvo específico é motivada por uma **base experiencial**, isto é, algumas experiências corporificadas (*embodied experience*). A base experiencial é resultante de certas conexões neurais entre áreas do cérebro que correspondem aos domínios fonte e alvo. A relação entre os domínios fonte e alvo é tamanha que um domínio-fonte pode servir de base para vários domínios-alvo, assim como um mesmo domínio-alvo pode licenciar vários domínios-fonte. (KÖVECSSES, 2005, p. 6).

Kövecses (2010) sustenta a seleção dos domínios-fonte depende de fatores humanos que refletem semelhanças não-objetivas, não-literais e não preexistentes entre uma fonte e um domínio-alvo, e que alguns dos tipos comuns dessas semelhanças são as correlações na experiência, similaridade estrutural percebida, e semelhança estrutural percebida induzida por metáforas básicas.

Convencionalmente, para diferenciar as metáforas conceptuais de suas expressões linguísticas metafóricas, as metáforas são grafadas em caixa alta. As **expressões linguísticas metafóricas** consistem na manifestação verbal (frases, expressões fraseológicas etc.) de uma metáfora conceptual. Isto é, as expressões linguísticas estão no campo da língua, enquanto as metáforas estão no campo da mente e do pensamento, portanto, mecanismos da cognição.

Um discurso político é geralmente marcado pelo uso de metáforas, a título de exemplificação, apresentamos estratos do discurso de posse da presidenta Dilma em que há várias expressões linguísticas metafóricas, estruturadas por meio de uma metáfora conceptual GOVERNAR É GUERRA.

Nascimento (2016), na sua análise a respeito do discurso da posse da presidenta Dilma, identificou que a metáfora conceptual GOVERNAR É GUERRA foi o conceito norteador de seu discurso, por meio das expressões linguísticas metafóricas presentes também no excerto a seguir, cujo mapeamento é descrito no Quadro 01.

Sinto a alegria por ter vencido os desafios e honrado o nome da mulher brasileira.

O projeto da nação que é detentor de mais profundo e duradouro apoio popular da nossa história democrática. Esse projeto de nação triunfou [...]

Combateremos sem trégua a burocracia

Democratizar o poder significa combater energeticamente a corrupção, a corrupção rouba o poder legitimado do povo.

A luta que vimos empreendendo contra a corrupção e, principalmente, contra a impunidade, ganhará ainda mais força com o pacote de medidas [...]

No Quadro 1, Nascimento (2016) descreve o mapeamento da metáfora GOVERNAR É GUERRA em que o domínio-fonte é a guerra e seus elementos constitutivos e o domínio-alvo é o governo.

Quadro 1 – Mapeamentos metafóricos de GOVERNAR É GUERRA

Domínio-fonte	Domínio-alvo
Soldados	Povo Brasileiro
General	Presidenta Dilma Rousseff
Estratégia de combate	Projeto de nação
Luta vencida	Conquista do emprego formal, regaste do povo da extrema pobreza
Inimigos	Burocracia, corrupção
General Firme na liderança do exército	Presidente reafirma seu compromisso
Uma nova batalha a vencer	Um novo mandato de presidente
Vencer os obstáculos	Governar com qualidade
General conta com os soldados	Presidente conta com o apoio do povo

Fonte: Nascimento (2016) adaptado

2.2 Tipologia da metáfora conceptual

Na linguística cognitiva, as metáforas podem ser classificadas de diversas maneiras segundo cada pesquisador. Neste trabalho foi utilizado as classificações de Lakoff e Johnson (2002) e de Kövecses (2002). Lakoff e Johnson propuseram três classificações gerais de acordo com as funções cognitivas que elas desempenham: metáforas estruturais; orientacionais e ontológicas, Kövecses as classificam de acordo com o grau de convencionalidade, sua função cognitiva, sua natureza e seu grau de generalidade e de complexidade (simples ou complexas).

Uma metáfora e sua expressão linguística podem ser classificadas de acordo com o grau de convencionalidade do seu uso na comunidade linguística. Como explica Kövecses, “podemos dizer que uma metáfora é altamente convencional ou convencionalizada (ou seja, bem estabelecida e profundamente enraizada) no uso de uma comunidade linguística”. (KÖVECSES, 2010, p. 34). Por outro lado, uma metáfora pouco usada e pouco enraizada na comunidade linguística é menos convencional.

Estudo realizado por Leitão *et al.* (2016) sobre como brasileiros codificavam a vida,

foram identificados diversos domínios-alvo, dentre eles, jornada, dádiva, quebra-cabeça, compromisso e jogo. No entanto, como demonstra o Quadro 02 a seguir, a metáfora VIDA É JORNADA é mais convencionalizada, pois é mais usual que a metáfora VIDA É CONSTRUÇÃO em que o uso é menos recorrente.

Quadro 02 - Metáforas da vida

Metáfora	Adultos (%)	Adolescentes (%)	Total (%)
Jornada/caminhada	35,20	6,14	41,34
Dádiva	22,90	9,50	15,08
Compromisso	11,17	3,91	15,08
Quebra-cabeças	3,35	1,12	4,47
Luta	1,67	0	1,67
Força	1,12	0	1,12
Contêiner	1,12	0	1,12
Conhecimento	0,56	0,56	1,12
Jogo	0	1,12	1,12
Construção	0,56	0	0,56
Total			100,00

Fonte: Leitão *et al.* (2016)

De acordo com a tipologia apresentada por Lakoff e Johnson (1980), as **metáforas estruturais** são aquelas em que um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro. A função cognitiva dessas metáforas é permitir que os falantes entendam o domínio-alvo *A* por meio da estrutura do domínio-fonte *B*. (KÖVECSES, 2010, p. 37).

As **metáforas orientacionais** não estruturam um conceito em termos de outro, mas ao contrário, organizam todo um sistema de conceitos em relação a um outro. Do ponto de vista da função cognitiva é fazer com que um conjunto de domínios alvo sejam coerentes com nosso sistema conceptual. O nome “orientação metafóricas” deriva do fato de que a maioria das metáforas que servem função têm a ver com orientações espaciais humanas básicas, tais como *up-down*, centro-periferia e afins. (LAKOFF; JOHNSON, 2002; KÖVECSES, 2010).

Estes conceitos serão nomeados *metáforas orientacionais*, já que a maioria delas tem a ver com a orientação espacial do tipo: para cima - para baixo - dentro- fora, frente - trás, em cima de - fora de (on-off), fundo - raso, central - periférico. Essas orientações espaciais surgem do fato de termos os corpos que temos e do fato de eles funcionarem

da maneira como funcionam nosso ambiente físico. as metáforas orientacionais dão a um conceito uma orientação espacial como, por exemplo FELIZ É PARA CIMA. O fato de o conceito FELIZ ser orientado PARA CIMA leva a expressões com "estou me sentindo *para cima* hoje" (I'm feeling *up* today). (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 59).

Em Kaiowá, a metáfora (ex. 1) usada para designar o sentimento ou a postura de prepotência/preensão é expressa pelos verbos pelo verbo 'subir' e pelo advérbio 'no alto', sintetizando uma orientação em direção PARA CIMA.

1. *o-ime o-jupi yvate*
3-estar 3-subir no.alto
(lit.: 'ele/ela está subindo no alto')
'ele/ela é prepotente' ou 'está se achando'

Para Kövecses (2010), estas metáforas deveriam ser nomeadas como "metáfora da coerência", porque estaria mais de acordo com a função cognitiva que desempenham porque os conceitos codificados por elas tendem a ser conceptualizados de maneira uniforme.

As **metáforas ontológicas** são aquelas em que um conceito abstrato é transformado em uma entidade. Lakoff e Johnson (2002, p. 74) afirmam que esse tipo de metáfora busca "compreender nossas experiências em termos de objetos e substâncias, permite-nos selecionar partes de nossa experiência e tratá-las como entidades discretas ou substâncias de uma espécie uniforme". Afirmam ainda que ao identificar as experiências humanas, tais como, eventos, atividades, emoções e ideias como entidades e substâncias, os seres humanos podem identificá-las, categorizá-la, agrupá-las e quantificá-las e, dessa forma, raciocinar sobre elas. (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 75)

Kövecses (2010) aponta que a função cognitiva das metáforas ontológicas parece dar um novo status ontológico às categorias gerais do domínio-alvo abstrato e trazer novas entidades abstratas. Para ele, isso significa que o ser humano concebe as experiências em termos de objetos, substâncias e recipientes, mas essa noção não é geral, sem especificar exatamente que tipo de objeto, substância, ou recipiente que é significativo, sendo que o conhecimento sobre objetos, substâncias e recipientes é bastante limitado em nível geral, por isso não se pode usar categorias gerais para compreender muito sobre domínio-alvo. (KÖVECSES, 2010, p. 38).

Em dezembro de 2018, o portal on-line da Revista Veja apresentava a manchete *Um ano depois, reforma trabalhista não gera empregos esperados*¹, a reforma trabalhista – uma lei – é transformada em uma entidade que não gera os empregos esperados.

A personificação também é enquadrada como uma forma de metáfora ontológica porque

1 <https://veja.abril.com.br/economia/um-ano-depois-reforma-trabalhista-nao-gera-empregos-esperados.html>
Acesso em: 21 de janeiro de 2019.

as qualidades humanas são transmitidas a entidades não humanas. De acordo com Lakoff e Johnson (2002), a personificação “nos permite compreender uma grande variedade de experiências concernentes a entidades não-humanas em termos de motivações, características e atividades humanas.” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 87).

A personificação é, pois, uma categoria geral que cobre uma enorme gama de metáforas, cada uma selecionando aspectos diferentes de uma pessoa ou modos diferentes de considerá-la. o que todas têm em comum é o fato de serem extensões de metáforas ontológicas, permitindo-nos dar sentido a fenômenos do mundo em termos humanos, termos esses que podemos entender com base em nossas próprias motivações, objetivos, ações e características. (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 89)

As emoções, em muitas línguas indígenas, também são representadas por meio da personificação, tendo os órgãos internos do corpo humano como referentes para designar as emoções.

2. *kattima* *no-kaale*
alegre 1POSS.-coração (Baniwa)

3. *ah-góa* *vàga-tá*
3-coração choro-ASS. (Gavião Ikólóehy)

A tradução literal do exemplo (2) da língua Baniwa, “meu coração está alegre” designa que a pessoa está contente, no exemplo (3) na língua Gavião Ikólóehy “o coração dele chora” significa que a pessoa está triste. Isto indica que há uma relação entre língua, cultura e corpo que será explanada na seção a seguir.

2.3 Cognição corporificada

Um dos temas de interesse das ciências cognitivas é o papel que desempenha a relação entre o corpo, a língua e a cultura. Essa relação é manifesta no conceito de *embodiment*, traduzido para a língua portuguesa como **corporificação**. (GIBBS, 2006; JOHNSON, 1987; LAKOFF, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1999). A tese da corporificação é que a cognição humana é mediada pela experiência corporal.

As experiências subjetivas e sentimentais das pessoas de seus corpos em ação fornecem parte da base fundamental para a linguagem e o pensamento. Cognição é o que ocorre quando o corpo se envolve no mundo físico e cultural, e deve ser estudado em termos das interações dinâmicas entre as pessoas e o meio ambiente. A linguagem humana e o pensamento emergem de padrões recorrentes de atividade incorporada que restringem o comportamento inteligente em andamento. Não devemos supor que a cognição seja puramente interna, simbólica, computacional e desincorporada, mas que busque as formas grosseiras e detalhadas pelas quais a linguagem e o pensamento são inseparavelmente moldados pela ação incorporada.”(GIBBS, 2006, p. 9).

Lakoff e Johnson (1980; 1999) defendem que *embodiment* reflete as metáforas

conceptuais que são predominantes na linguagem e dissimulam as centenas de grupos de expressões linguísticas metafóricas reais. Na perspectiva dos autores, as conceptualizações mais abstratas só são possíveis graças às ferramentas conceptuais da metáfora e da metonímia baseadas no corpo. Pois, conforme Sharifan *et al.* (2008), não há saltos puramente imaginativos com o propósito de mera criação de sentido estético, eles estão mais profundamente enraizados e motivados pelas experiências corporais dos seres humanos.

Sharifan *et al.* (2008, p. 7) defendem que a premissa da corporificação “no geral, não apenas vê a cognição como mediadora das experiências corporais humanas, ela também vê os domínios-alvo mais abstratos da cognição, baseadas em domínios-fonte concretos” conceptualizando noções de pensamento, emoção e linguagem a partir do domínio-fonte do corpo humano e suas partes internas e externas.

Na expressão *Geddel, o braço direito de Temer, é o sexto ministro a cair*² o termo braço direito, que significa a pessoa mais importante para o outro, o que apoia, é um exemplo que expressões cotidianas têm como base a experiência corporal. Na língua inglesa, *back*, costas ou dorso, é a base para determinar uma série de unidades lexicais como de volta, atrás, no passado, mochila etc., essa mesma estrutura conceptual também ocorre em Baniwa em que o vocábulo *tamma* – costas – indicam, assim como no inglês, a parte de traz como no exemplo *ri-tama-le* em que *ri* é pedra, portanto atrás da pedra.

Py'a, termo presente em diversas línguas da família Tupí-Guaraní, reconstruído para o Proto-Tupí-Guaraní por Rodrigues (2007) com o significado de fígado, funciona como hiperônimo para fígado, estômago, coração e entranhas forma parte de diversas construções que estruturam as emoções e os sentimentos como descrito na quarta seção.

2.4 Metáforas primárias e complexas

Em decorrência do questionamento a respeito da motivação experiencial da metáfora conceptual, ou seja, de como determinado domínio conceptual é licenciado e como o domínio-fonte para a conceptualização de um determinado domínio-alvo, fez com que, de acordo com Silva e Leite (2015), a discussão conduzisse para a distinção entre metáfora complexa e primária, desenvolvendo assim a **Teoria Integrada da Metáfora Primária**, apresentada por Lakoff e Johnson em *Philosophy in the flesh* (1999). No livro, os autores apresentam as bases teóricas que buscam descrever como os seres humanos conceptualizam e descrevem esses

2 <http://anoticiatapes.net.br/geddel-o-braço-direito-de-temer-e-o-sexto-ministro-a-cair.html>
Acessado em: 03 de fevereiro de 2018

sentidos subjetivos. As teorias apresentadas pelos autores são: a **Teoria da Fusão** de Christopher Johnson (1997); a **Teoria da Metáfora Primária** elaborada por J. Grady (1997); a **Teoria Neural da Metáfora** desenvolvida por Narayanan (1997) e posteriormente a **Teoria da Mesclagem Conceptual** de Fauconnier e Turner (2002).

A Teoria da Fusão (*conflation*), de Christopher Johnson (1997), trata sobre aprendizagem infantil. Para o autor, na infância, as experiências sensório-motoras são fundidas com a experiências que não são sensório-motoras, isso se deve porque essas experiências, em um primeiro momento, ocorrem simultaneamente, ainda que depois o indivíduo consiga diferenciar os diversos tipos de experiência, as associações permanecem, gerando os mapeamentos das metáforas conceituais. O autor usa como exemplo o afeto, em que a experiência subjetiva da afeição é fundida com o aquecimento corporal do contato resultante do aconchego e do toque.

No período de fusão, as associações são automaticamente construídas entre os domínios AFETO-CALOR. Num período posterior, ocorre a diferenciação, pois as crianças estão aptas a realizar a separação entre os dois domínios, embora as associações persistem. São essas associações mapeamentos de metáforas conceituais, que justificam, no curso da vida, o uso de expressões, como, por exemplo, “sorriso caloroso”, “um grande problema” ou “amigo próximo”. (FELTES, 2007, p. 163).

De acordo com Grady (1997), as metáforas primárias são resultados naturais de interações entre particularidades do corpo humano, com suas experiências subjetivas no mundo. É, essencialmente, uma experiência sensorial, simples e elementar, mas que condensa elementos pertencentes a dois domínios diferenciáveis: um do mundo sensório-motor e outro do mundo afetivo-cognitivo. (GRADY, 1997; LAKOFF e JOHNSON, 1999).

Grady (1997), sugere que as metáforas primárias são motivadas por experiências perceptuais básicas cotidianas que se fundem com a experiência corpórea que cria a base dos mapeamentos metafóricos que permeiam o pensamento humano. O resultado dessa fusão é denominado, por Grady, de “experiência subjetiva de eventos básicos”. Uma cena primária é quando essa experiência subjetiva apresenta uma resposta cognitiva que segundo Grady, apresenta “uma estreita relação entre a circunstância física e a resposta cognitiva. São elementos universais da experiência humana, definidos por mecanismos e habilidades cognitivas básicas que estão correlacionados de uma forma saliente por meio de interação com o mundo com um objetivo determinado”. (GRADY, 1997, p. 24).

Na Teoria Neural da Metáfora, Narayanam (1997) sustenta que as associações que ocorrem durante o período de fusão são ativações neuronais simultâneas que resulta em conexões neurais permanentes. Lakoff e Johnson (1999, p. 47) esclarece que “as conexões

formam a base anatômica de ativações fonte-para-alvo que constituem os acarretamentos metafóricos” definindo os domínios conceptuais.

A última teoria aportada, a posteriori, à Teoria Integrada das Metáforas Primárias é a Teoria da Mesclagem Conceptual. Nessa abordagem, Fauconnier e Turner (2002) defendem que domínios conceptuais distintos podem ser co-ativados, em algumas situações podem ser produzidas conexões entre os domínios formando novas inferências que são denominadas de mesclas conceptuais. As mesclas conceptuais podem ser convencionais ou totalmente novas.

O conjunto das metáforas primárias é a base para a formação de **metáforas complexas**, Lakoff e Johnson (1999, p. 47) explicam que “cada metáfora primária tem uma estrutura mínima e origina-se natural, automática e inconsciente através da experiência cotidiana, por meio da fusão, durante a qual são formadas associações entre domínios”. Formando assim as metáforas complexas. Os autores colocam que as metáforas complexas são formadas por *blending* conceptual. Experiências universais prévias conduzem a fusões universais, as quais, então, se tornam metáforas conceptuais universais (ou de amplo espectro). (LAKOFF; JOHNSON, 1999).

Portanto, as metáforas primárias, motivadas por correlações universais nas experiências sensorio-motoras comuns a todos seres humanos é o que justifica, a nível conceptual, sua natureza universal, tema a ser explanado na próxima seção.

2.5 Universalidade da metáfora

Para Kövecses (2010), a Teoria das Metáforas Primárias cria as bases que justifica a universalidade da metáfora conceptual, dessa maneira, a universalidade da metáfora é motivada por correlações universais na experiência do corpo humano com o meio ambiente, portanto, todos os seres humanos possuem as mesmas reações fisiológicas a alguns estímulos sensoriais, que são codificados na cognição humana.

Outra evidência da universalidade da metáfora que Kövecses apresenta é que algumas metáforas são encontradas em diversas línguas naturais de famílias linguísticas diferentes que não apresentam similaridade e que apresentam diferenças culturais. Kövecses (2010) toma como base a metáfora que codifica a felicidade:

Parece que diversas línguas não relacionadas compartilham inúmeras metáforas conceituais para determinados conceitos de emoção. Um desses conceitos é a *felicidade*. Há um grande número de metáforas conceituais para felicidade em inglês (Kövecses, 1991), mas três delas se sobressaem: FELICIDADE É PRA CIMA [...] FELICIDADE É LUMINOSIDADE [...] FELICIDADE É UM RECIPIENTE [...]. O Linguista cognitivo chinês Ning Yu encontrou as mesmas metáforas conceituais na sua língua (Yu, 1995, 1998). [...] O húngaro, uma língua fino-úgrica, também tem as mesmas metáforas culturais. (KÖVECSES, 2009, p. 260).

No exemplo da felicidade, Kövecses (2010, p. 261) afirma que “quando estamos alegres, tendemos a ter uma postura ereta, em movimento, ativos, pulando; mas nunca uma postura caída, inativos e estáticos. Essas são, sem dúvida, experiências universais associadas à felicidade.”

No entanto, a universalidade da metáfora não responde a existência da diversidade de conceptualização metafórica entre as diferentes culturas, ou mesmo, dentro da mesma cultura, daí Kövecses, Ning Yu e outros acrescentarem à Teoria da Metáfora Conceptual o papel que a cultura exerce na construção das metáforas conceptuais e sua variabilidade.

2.6 Metáfora, língua e cultura

Sapir (1971) afirma que o conteúdo de toda cultura pode exprimir-se na sua língua, e não há materiais linguísticos, quer quanto ao conteúdo, quer quanto à forma, que não sejam sentidos como simbolizando significados reais – qualquer que seja a atitude dos que pertencem a outras culturas. Para Gullén Díaz (2004), língua não se refere apenas aos elementos de ordem linguística, mas todo um sistema cultural que inclui o modo de interpretar a realidade, um nível de cultura subjacente que, em uma perspectiva de regras de comportamento e pensamento, determinam a forma em que os indivíduos definem seus valores, estabelecem suas cadências e ritmos de vida fundamentais.

Segundo Rodrigues (2011), a língua, de modo geral, é o meio pelo qual qualquer cultura se manifesta, não sendo apenas um simples instrumento de comunicação.

As línguas naturais são não apenas instrumentos de comunicação social, mas também os meios de que dispõem os seres humanos para elaborar, codificar e conservar seu conhecimento do mundo. Cada língua está intimamente ligada aos processos cognitivos e à experiência acumulada pelo povo que a fala através de sucessivas gerações. As descobertas que, elaboradas e reelaboradas pela inteligência ao longo de milênios, formaram o imenso acervo de conhecimentos integrados que é a cultura, têm sua expressão mais ampla e mais precisa na língua que se desenvolveu como parte e como instrumento dessa cultura. (RODRIGUES, 2007).

A linguística cognitiva aponta que a relação entre língua e cultura se estabelece por meio dos **modelos culturais** que são um instrumento importante na tentativa de descrever e caracterizar o sistema conceptual humano e, portanto, suas culturas.

Segundo Quinn e Holland (1997), os modelos culturais “são pressupostos, modelos assumidos pelo mundo que são amplamente compartilhados (embora não necessariamente com a exclusão de outros modelos alternativos) pelos membros de uma sociedade e que desempenham um papel enorme na sua compreensão do mundo e seu comportamento nele”. (QUINN; HOLLAND, 1987, p. 4).

Sharifian (2011) afirma que os modelos culturais são sistemas conceituais complexos, pois atuam como blocos de construção da cognição cultural de um grupo cultural, sendo que a linguagem está intrinsecamente relacionada à cognição cultural, pois a cognição cultural está instanciada no conteúdo e no uso da linguagem.

Nesse sentido, a cognição é um sistema heterogeneamente distribuído com propriedades emergentes que surgem das interações entre os membros de um grupo cultural. Um aspecto integral desta visão da cognição cultural é a conceptualização em nível de grupo. Conceptualizações como modelos, esquemas e categorias têm uma base individual e uma base emergente como o nível cultural da cognição. Essas conceituações culturais são frequentemente instanciadas em vários artefatos e atividades culturais. A linguagem nessa perspectiva é vista como um sistema distribuído, bem como um repositório para conceituações culturais. Vários aspectos das línguas humanas podem codificar conceitualizações que refletem as experiências culturais de seus falantes. (SHARIFIAN, 2011, p. 34).

Yu (2007) define que esses modelos culturais fornecem a um grupo cultural mecanismos comuns entre os membros da comunidade que permitem entender certos aspectos de suas vidas. Sharifian (2011) defende que determinadas questões inerentes à língua como as categorias, os esquemas, as metáforas conceituais e as propensões refletem as cognições culturais da língua sobre a história de sua existência.

Lakoff e Johnson (1999) colocam que as metáforas complexas e quotidianas são construídas a partir de metáforas primárias mais as formas de conhecimento comum: modelos culturais, teorias folclóricas ou simplesmente conhecimento ou crenças que são amplamente aceitos em uma cultura.

Para Yu (2003), as metáforas conceituais são geralmente derivadas de experiências corpóreas, no entanto, cabe aos modelos culturais filtrar experiências corporais para domínios-alvo específicos de metáforas conceituais; e os próprios modelos culturais são muitas vezes estruturados por metáforas conceituais. Nessa perspectiva, Kövecses (2005) acrescenta que as metáforas frequentemente produzem modelos que operam no pensamento e que são simultaneamente culturais e cognitivas, na medida em que são representações mentais culturalmente específicas dos aspectos do mundo. (KÖVECSES, 2005, p. 7).

Yu (2007) analisou as metáforas conceituais culturais da língua chinesa do coração, de acordo com linguista chinês, o coração dá origem às metáforas que o perfilam, o órgão interno funciona como uma entidade física, uma parte do corpo e o *locus* de atividades afetivas e cognitivas. Essas construções baseadas no coração tem relação com a cultura chinesa.

A palavra chinesa *xin* se refere às faculdades que são cobertas pelo "coração" e a "mente" em inglês. Ele atribui isso à antiga filosofia chinesa, na qual o coração era conceituado como o órgão do pensamento, sentimento, vontade, razão e intuição (Yu, 2008). Ele ainda atribui a conceptualização do coração como o monarca do corpo à medicina tradicional chinesa, que é baseada na categorização de cinco elementos. Na medicina tradicional chinesa, o coração é o mestre do corpo e governa várias atividades

emocionais e intelectuais. (SHARIFIAN, 2011, p. 34).

Para os Kaiowá, o conceito *teko* – *-t* ‘prefixo relacional 4’ mais verbo *-eko* ‘estar em movimento tipicamente humano’ – é baseado na relação do homem com a natureza e o seu território tradicional *tekoha guasu*. *Teko* (modo de ser e viver do povo Kaiowá) constitui-se de um modelo cultural que estrutura o um sistema conceptual dando origem a uma diversidade de expressões na língua como *teko añete* que expressa a ideia de confiança e verdade, *teko marangatu* que expressa o modo de ser santificado. *Teko* também faz parte das estruturas linguísticas que descrevem as características emocionais e sentimentais mais permanentes no indivíduo, como nos exemplos³ abaixo:

4. *kunumi o-gwer-eko* *t-eko=porã*
menino 3-CC-estar em mov. R⁴-ser=bonito
(lit.: ‘o menino tem consigo modo de ser bonito’)
‘O menino é honesto/bondoso’ ou ‘o menino tem uma conduta bondosa/honesta’

5. *kunumi o-gwer-eko* *t-eko=wai*
menino 3-CC-estar em.mov. R⁴-ser=feio
(lit.: ‘o menino tem consigo o modo ser feio’)
‘O menino é malvado/mal-educado/mal caráter’ ou ‘o menino tem uma conduta mal-educada/ sem caráter’

6. *kunumi o-gwer-eko* *t-eko=h-ory*
menino 3-CC-estar.em.mov. R⁴-ser=alegre
(lit.: ‘o menino tem consigo o modo de ser alegre’)
‘O menino é feliz’ ou ‘o menino tem uma conduta feliz’

7. *kunumi o-gwer-eko* *t-eko año*
menino 3-CC-estar.em.mov. R⁴-ser só
(lit.: ‘o menino tem consigo o modo de ser só’)
‘o menino tem solidão’ ou ‘o menino tem modo de ser sozinho’

2.7 Variação metafórica

Kövecses (2010) aponta que as metáforas variam entre culturas e dentro de uma mesma cultura. Entre culturas diferentes a variação ocorre, geralmente, na especificação das metáforas genéricas onde cada cultura usa diferentes mecanismos para decodificar os domínios fonte e alvo. Essa especificação ocorre, porque, segundo Kövecses (2010), a metáfora constitui um esquema genérico, que é preenchido em cada cultura que a utiliza que recebe um conteúdo cultural único em um nível específico.

Se dá entre uma metáfora de nível genérico e várias de nível específico. Outra maneira seria quando uma cultura usa um conjunto de domínios-fonte para um domínio-alvo

3 Exemplos extraídos de Carvalho (2018)

em especial, ou ao contrário, quando uma cultura usa um domínio-fonte específico para conceituar um conjunto de diferentes domínios-alvos. Outra situação, ainda, envolve casos em que um conjunto de metáforas conceituais para um domínio-alvo é praticamente igual em duas línguas/culturas, mas uma das línguas/culturas mostra uma clara preferência por uma das metáforas conceituais empregadas. (KÖVECSES, 2009, p. 261).

Também, a variação entre culturas pode ocorrer nas metáforas alternativas em que há variação no alcance, no escopo do alvo, em conceptualizações alternativas para grandes áreas do conhecimento e nas metáforas únicas (aquelas que existem em apenas uma cultura).

As línguas Xavante e Xerente pertencem à mesma família linguística Jê Central (tronco Macro-Jê) o que indicam uma proximidade entre elas, uma vez que os critérios para a classificação das línguas é a proximidade lexical e gramatical que no passado conformaria uma mesma língua. Porém, as culturas estabeleceram diferentes maneiras para codificar uma mesma emoção, como é o caso de saudade em que (8) na língua Xerente a construção é “dor no coração”, enquanto em Xavante (9) a construção é “barriga quebrada”.

8. *-pkẽ ze-Ø*
coração dor-NON.

9. *ĩ-pe- ãeze-di*
1. barriga-quebrar-NOM.-EST.

As variações que ocorrem dentro de mesma cultura, variação é motivada por diversas dimensões, as mesmas que incidem sobre a diversidade linguística dentro de uma mesma cultura, como diferenças sociais entre os falantes, diferenças regionais, étnicas, de estilística, subculturais, diacrônicas e individuais.

Conforme Kövecses (2010), há duas causas que explicam a variação das metáforas, as experiências diferenciais e as preferências cognitivas diferenciais. As experiências diferenciais são constituídas por divergências no contexto histórico, social ou pessoal. Enquanto que as preferências cognitivas preferenciais têm relação com as divergências na forma e na proporção da experiência corpórea que é a base para a construção de metáforas universais.

Proponho que as causas podem ser agrupadas em duas grandes classes: experiências diferenciais e preferências cognitivas diferenciais, ou estilos. Em outras palavras, a ideia é que, por um lado, muitas de nossas metáforas variam porque nossas experiências como seres humanos também variam. E, por outro, nossas metáforas variam porque os processos cognitivos que usamos para a criação do pensamento abstrato também podem variar. (KÖVECSES, 2010, p. 268).

2.8 Metonímia Conceptual

A metonímia conceptual, igual que a metáfora, é um mecanismo da cognição humana que categoriza fenômenos da vida cotidiana fazendo parte da forma como o ser humano pensa,

age estrutura o mundo, não sendo apenas um recurso estilístico como historicamente foi classificada e estudada.

Assim como as metáforas, os conceitos metonímicos estruturam não somente nossa linguagem, mas também nossos pensamentos, atitudes e ações e, também, baseiam-se na nossa experiência. Na verdade, a fundamentação de conceitos metonímicos é, em geral, mais óbvia do que a fundamentação de conceitos metafóricos, porque os primeiros, geralmente, envolvem associações físicas ou causais diretas. (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 93).

Jeannette Littlemore (2015) define a metonímia como um processo cognitivo e linguístico enraizado na língua e em outras forças de expressão que envolve o uso de um conceito simples ou concreto para se referir a algo mais complexo ou mais abstrato. A “metonímia é uma figura de linguagem e do pensamento em que uma entidade é usada para se referir, ou em termos da linguística cognitiva ‘fornecer acesso a’, outra entidade em que está de alguma forma relacionada”. (LITTLEMORE, 2015, p. 4).

Segundo Lakoff (1987), modelos metonímicos têm um *status* cognitivo, porque fazem parte do raciocínio para os mais variados propósitos, como aqueles em que um membro ou subcategoria pode representar metonimicamente uma categoria inteira, para fazer inferências, cálculos, aproximações, planos, comparações e julgamentos, que são práticas recorrentes do cotidiano (SILVA; LEITE, 2015).

Ao contrário da metáfora em que há dois domínios conceptuais, o domínio-fonte o domínio-alvo, a metonímia conceptual perfila apenas sobre um domínio conceptual. “Em uma metonímia, existe apenas um domínio: o objeto imediato. Existe apenas um mapeamento; tipicamente os mapas de origem metonímicos para o destino metonímico (a referência), de modo que um item no domínio possa representar o outro”. (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 265).

Uma matéria da *Folha de São Paulo* apresenta o seguinte titular *Esquerda articula frente de oposição em ensaio para coalizão em 2020*⁴, o termo metonímico *esquerda* condensa, a nível cognitivo, um conjunto de informações que caracteriza um conjunto de partidos políticos brasileiros que reivindicam a orientação política de esquerda, ou seja, está dentro de um mesmo domínio conceptual, as siglas PSOL, PT etc. fazem parte do mesmo domínio conceptual de partidos de esquerda.

Para Lakoff e Johnson (2002), a função referencial é prioritária da metonímia, pois a metonímia permite-nos usar uma entidade para representar outra. Mas metonímia não é

4 <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/04/esquerda-articula-frente-de-oposicao-em-ensaio-para-coalizao-em-2020.shtml>. Acessado em: 01-04-2019

meramente um recurso referencial e também tem a função de propiciar o entendimento”. (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 93).

A ideia de domínio é criticada por Croft (2002), ele defende que o termo domínio é mais amplo e propõe a substituição de “domínio” por domínio-matrix (*domain matrix*) visto que “um conceito é perfilado contra uma estrutura ou matriz de domínio frequentemente complexa, mesmo se houver apenas um domínio abstrato como base”. (CROFT, 2002, p. 177). Para o autor, um conceito pressupõe vários domínios como, por exemplo, o conceito de ser humano que é definido em relação aos domínios de objeto físico, coisas vivas, agentes, dentre outros domínios; sendo a combinação simultânea desses domínios denominada de domínio matriz.

Uma definição de metonímia bastante aceita entre os expertos de linguística cognitiva é de Zoltan Kövecses (2010, p. 324) que define a metonímia conceptual como um processo cognitivo em que uma entidade conceptual, o veículo, fornece acesso mental a outra entidade conceptual, o alvo, dentro do mesmo domínio conceptual, ou Modelo Cognitivo Idealizado (MCI)⁵. Na metonímia, tanto a entidade-veículo quanto a entidade-alvo são elementos de um mesmo domínio conceptual.

Na sentença o termo *esquerda* é o veículo que permite acessar a entidade-alvo, (partidos políticos e organizações que reivindicam pensamento de esquerda), tanto o termo esquerda quanto o conjunto de informações que esse termo acessa fazem parte do mesmo Modelo cognitivo idealizado.

Kövecses sustenta que a metonímia seja amplamente usada para fornecer acesso a uma única entidade de destino dentro de um único domínio, ao contrario da metáfora que é usada principalmente para compreender todo um sistema de entidades em termos de outro sistema. Outra diferenciação é que enquanto a metonímia ocorre entre conceitos, assim como entre formas e conceitos linguísticos e entre formas linguísticas e coisas/eventos no mundo, a metáfora ocorre entre conceitos. (KÖVECSES, 2010, p. 192).

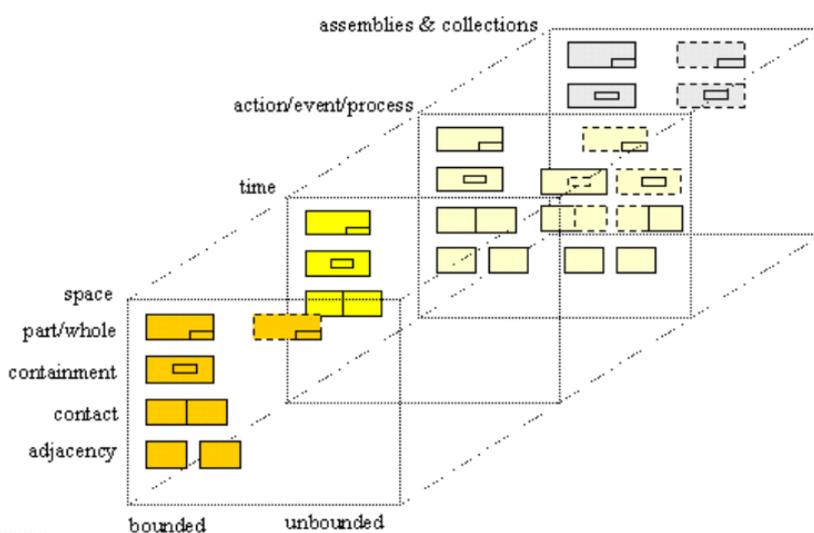
Ao contrário das posições iniciais defendidas por Lakoff e Johnson (1980), Kövecses (2010) e outros defendem que a metonímia é baseada na contiguidade e não na referencialidade. Isto é, em elementos que são partes do mesmo MCI, ao contrário da metáfora que é baseada na similaridade. Peirsman e Geeraerts (2006) afirmam que a metonímia pode estar relacionada ao núcleo prototípico da contiguidade espacial parte-todo que podem ser representadas em três dimensões (força de contato, delimitação e domínio) descritas a seguir.

5 Os Modelos Cognitivos Idealizados correspondem a estruturas que organizam nosso conhecimento e que guiam o significado e a estrutura de uma categoria linguística. (LAKOFF, 1987)

Força de contato (passando de contenção de parte-todo sobre contato físico para adjacência sem contato), **delimitação** (envolvendo extensão da relação parte-todo para totalidades ilimitadas e partes), e **domínio** (com mudanças do espaço para o temporal, o espaço-temporal e o domínio categorial). Como pode ser esperado em uma categoria estruturada de forma prototípica, essas dimensões interagem de várias maneiras. (PEIRSMAN; GEERAERTS, 2006).

O modelo metonímico de Peirsman e Geeraerts concebem a metonímia como uma categoria radial. Para eles, os falantes são capazes de identificar aqueles que são membros “protótipos” centrais de uma categorização e aqueles que são menos centrais. O quadro 03, a seguir, apresenta os padrões metonímicos prototípicos propostos por Peirsman e Geeraerts.

Quadro 03 - Categoria prototípica dos padrões metonímicos de Peirsman e Geeraerts



Fonte: Peirsman e Geeraerts (2006)

Para Littlemore (2015), o modelo de categoria radial de metonímia enfatiza a importância da contiguidade entre o veículo e seu referente; em outras palavras, eles estão interessados em quão próximo o termo usado é do significado pretendido. No entanto, Littlemore (2015) argumenta que o modelo proposto por Peirsman e Geeraerts, ao ser aplicado a dados reais, às vezes é difícil ver em qual categoria eles se encaixam.

Nós podemos ver isso olhando mais de perto alguns dos exemplos discutidos acima. A expressão ‘ter um teto sobre minha cabeça’ refere-se, em termos básicos, à ideia de atualmente ter uma casa. Assim, à primeira vista, parece haver um alto grau de contiguidade entre o termo veículo e seu referente. No entanto, a expressão também traz um significado extra de ter dinheiro suficiente para suprir as necessidades básicas, e aqui começamos a ver menos contiguidade entre o veículo e seu referente. O grau exato de contiguidade entre um veículo e seu referente pode, portanto, ser muito difícil de identificar quando as metonímias são usadas no contexto, já que pode haver mais de um referente. Além disso nem sempre é claro qual referente(s) é/são destinados como são muitas vezes vagos e sub-especificados. (LITTLEMORE, 2015, p. 53).

Ruiz de Mendonza e Diez Velasco (2002) definem que a metonímia pode ser descrita de duas maneiras: alvo na fonte (*target in source*) e fonte no alvo (*source in target*). Nas

metonímias do tipo alvo na fonte, o termo metonímico é parte do seu referente, isto é, o referente é um subdomínio do veículo metonímico. Nas construções do tipo fonte no alvo, o referente é parte do termo metonímico, veículo metonímico é um subdomínio do referente. Ruiz Mendonza Ibáñez e Diez Velasco argumentam que a metonímia como uma projeção conceptual interna a um domínio por meio do qual o domínio-alvo é resultado de dois processos fundamentais, ou de uma expansão ou de uma redução do material conceptual do domínio-fonte.

Littlemore (2015) coloca que a abordagem de Ruiz Mendonza e Diez Velasco é uma ferramenta útil para a análise da metonímia em contextos discursivos.

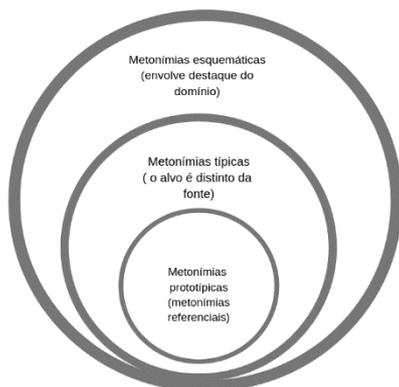
Quando olhamos para o papel da metonímia em géneros e registros que são específicos para determinadas comunidades discursivas. O processo de 'redução de domínio' aparenta ser particularmente produtivo nos processos de construção de significado nos quais as comunidades discursivas individuais se envolvem. (LITTLEMORE, 2015, p. 48).

Outra definição pertinente no campo da linguística cognitiva a respeito da metonímia é a formulada por Barcelona (2003). Para o linguista espanhol, uma metonímia se caracteriza como “o mapeamento conceptual de um domínio cognitivo em outro domínio, sendo os dois domínios incluídos no mesmo domínio ou MCI, de tal forma que a fonte fornece acesso mental ao alvo”. (BARCELONA, 2003, p. 33).

Para Barcelona (2003), o processo metonímico consiste ao mesmo tempo em mapeamento, ativação e destacamento. Portanto, haverá o destacamento de um (sub)domínio, fonte, que nos fará ativar mentalmente um outro (sub)domínio, alvo, fazendo com que a fonte seja mapeada ao alvo, sendo que essas três operações ocorrem em um mesmo domínio geral.

Barcelona (2003) também propõe uma abordagem radial à metonímia que explicaria tanto os exemplos prototípicos de metonímia que são baseados na contiguidade quanto os casos de metonímia que simplesmente envolvem realce de domínio. Littlemore (2015) explica que na abordagem de Barcelona as metonímias prototípicas que se situam no centro da categoria as referenciais, enquanto que as que estão localizadas na periferia da categoria envolvem realce de domínio, do tipo discutido por Langacker (1993), já as metonímias na categoria 'meio caminho' são chamadas de típicas. O modelo é mostrado na figura a seguir:

Figura 01 – Modelo de restrição de participação progressiva de Barcelona



Fonte: Littlemore (2015) com adaptações

2.9 Tipologia da Metonímia Conceptual

A taxonomia para as metonímias conceptuais, elaborada por Kövecses e Radden (1999), partem de determinados princípios que determinam a seleção de veículos. Eles dividem os tipos de metonímias em duas categorias abrangentes: TODO E PARTE e PARTE E PARTE.

Metonímias TODO E PARTE envolvem situações em que parte de algo representa um todo ou situações quando o todo de algo é usado para se referir a uma parte dele. (LITTLEMORE, 2015, p. 20). A expressão linguística *gosto de ler Machado de Assis* é uma metonímia do tipo TODO E PARTE uma vez que o nome do escritor brasileiro serve para referir-se a toda sua obra literária. Kövecses e Radden (1999) demonstram que há 21 tipos de metonímias TODO E PARTE que englobam seis categorias genéricas nos MCIs que são: as entidades físicas, escalas, constituição, eventos, associação de categoria e propriedades de categorias.

Envolve entidades físicas (onde uma parte de uma entidade pode representar o todo ou vice versa), escalas (onde o final de uma escala pode ser usado para se referir ao todo da escala), constituição (onde, por exemplo, o material que o objeto é feito pode ser usado para representar o objeto), eventos (onde a parte de um evento pode representar o evento todo), associação de categoria (onde um membro de uma categoria pode ser usado para representar a categoria como um todo) e propriedades de categoria (onde a propriedade mais saliente de uma categoria pode ser usada para representar a categoria como um todo). (LITTLEMORE, 2015, p. 20).

Em várias línguas indígenas, a metonímia, combinada às metáforas, é a base de processos de normalizações de elementos que entraram na cultura decorrente do contado. Para Contrin (2016), nos Xerente, os objetos dos *ktəwanō* “não índios” feitos de substâncias como *təra* “metal” formam empréstimos de criação na língua a partir das funções que tais objetos

desempenham como “correr” e “falar”. O exemplo abaixo é do tipo TODO E PARTE em que *təra*, elemento constituinte da moto é base da formação da metonímia.

10. *tahã ai sîm təra wra -∅*
3 3 PERT. ferro correr-NOM.
(lit.: ‘seu pertence de ferro que corre’)
‘a moto dele’

As metonímias PARTE E PARTE que se caracteriza, de acordo com Littlemore (2015), quando algo é usado para se referir um conceito do qual é simplesmente relatado, Littlemore exemplifica este tipo de metonímia com a expressão *casou-se com dinheiro* em que dinheiro é simplesmente algo que pertence ao cônjuge, em vez de ser parte deles. Kövecses e Radden (1999) classificaram 43 tipos de metonímia que englobam dez MCIs que produzem relações de ação, percepção, nexos de causalidade, produção, controle, posse, contenção, localização, sinal e forma de modificação.

Isso envolve ação (onde por exemplo, um objeto usado numa ação, ou o em que a ação é realizada, pode ser referida a uma ação por ela mesma), percepção (onde a entidade atual pode ser usada para se referir a uma experiência emocional ou física nessa entidade, [...]), nexos de causalidade (onde por exemplo a causa particular pode ser usada para se referir ao seu efeito ou vice-versa), produção (onde por exemplo o produtor de um objeto pode ser referido para representar o objeto), controle (onde o controlador de uma entidade ou de um grupo pode ser da entidade ou das próprias pessoas), posse (onde um objeto representa a pessoa que o possui[...]), contenção (onde um recipiente significa conteúdo ou vice-versa), localização (onde, por exemplo, um local pode significar um evento específico que ocorreu lá), sinal (onde palavras representam os conceitos que elas expressam), e forma de modificação (onde a forma de modificação de uma palavra pode significar a própria palavra). (LITTLEMORE, 2015, p. 21).

Em Gavião Ikólóehy, o vocábulo *gójmi mán* que significa carro é baseado na metonímia PARTE E PARTE no MCI que produz relação de nexos de causalidade entre o que anda pelo chão e a designação do carro.

11. *gój-mi mán*
chão-PERL. NOM.
(lit.: ‘o que anda pelo chão’)
‘carro’

Segundo Littlemore (2015), a taxinomia proposta por Kövecses e Radden foi uma importante contribuição para o estudo da metonímia. Contudo, os exemplos usados por eles para ilustrar diversos tipos de metonímia são, em grande parte descontextualizados que impedem a análise dos dados para além do nível semântico. Para Littlemore, algumas definições taxinômicas de Kövecses e Radden não se aplicam a todas as línguas pois, assim como as metáforas, apresentam variações pragmáticas, semânticas e culturais que determinam a escolha de determinados veículos que, conforme Kövecses e Radden (1999), seguem princípios

relativos à experiência humana; seletividade perceptiva, preferências culturais, princípios comunicativos e superação de fatores. Por exemplo, a experiência humana hierarquiza a escolha do veículo nos aspectos humanos sobre o não humano, objetivo sobre o subjetivo, concreto sobre o abstrato, funcional sobre o não funcional e outros. A seletividade perceptiva atua sobre a percepção do imediato sobre não imediato, dominante sobre o menos dominante.

Ferrari (2011) demonstra que as expressões metonímicas, a seguir são exemplos em que a perspectiva antropocêntrica prevalece. Em (12) e (13) o traço humano sobre o não humano, e (14), (15) e (16) o concreto sobre o abstrato. Estes exemplos “ilustram a ativação de dois conceitos relacionados: O que é explicitamente mencionado (de alta relevância cognitiva) e o que é acessível implicitamente pela projeção metonímica (de alta relevância comunicativa). (FERRARI, 2011, p. 104).

12. *Senna chegou em primeiro lugar, em Mônaco.* (controlador sobre o controlado).

13. *Ela está lendo Clarice Lispector.* (produtor pelo produto).

14. *Ele é o braço-direito da dona da empresa.* (parte do corpo por ação=sentido de “ajudar, apoiar”).

15. *A carta o deixou com um nó na garganta.* (parte do corpo por percepção = sentido de “emocionado, sensibilizado”).

16. *Os naufragos queriam salvar a própria pele.* (visível pelo invisível = sentido de “salvar a vida”).

2.10 Interação entre metáfora e metonímia

Diversos estudos no campo da linguística cognitiva demonstram que metáfora e metonímia, por serem mecanismos conceptuais, interagem-se frequentemente. Porém, este tema não é consenso na área. Evans (2010) e Barnden (2010), por exemplo, argumentam que nem sempre é possível distinguir nitidamente quando começa uma e termina outra. Por outro lado, de acordo com Ferrari (2011), alguns semanticistas chegam mesmo a sugerir que o processo metonímico é mais fundamental para o nosso sistema cognitivo do que a metáfora.

Kövecses (2009) defende que metáforas e metonímias frequentemente interagem em expressões linguísticas específicas.

Algumas expressões podem ser interpretadas como o caso misto de metáfora da metonímia, enquanto outras como misturas de metonímia dentro da metáfora. Podemos conceber a metonímia como um mapeamento direto. Podemos distinguir entre metonímias voltadas para o exterior e para dentro. Um mapeamento completo pode ser um relacionamento de referência ou de realce. Dadas essas distinções, podemos chegar a uma caracterização prototípica da metonímia. (KÖVECSES, 2009, p. 192).

Para Radden (2003), os conceitos clássicos de metáforas e metonímia assumem a condição de categorias prototípicas posicionadas nos pontos extremos de um *continuum* metonímia metáfora, em que a faixa central do *continuum* é constituída das metáforas de base metonímica.

Os conceitos de emoção também refletiriam a interação metonímica e metafórica, o efeito fisiológico do conceito emoção seria metonimicamente tomado no lugar da emoção (EFEITO PELA EMOÇÃO) e essa relação metonímica seria subjacente a várias metáforas conceptuais.

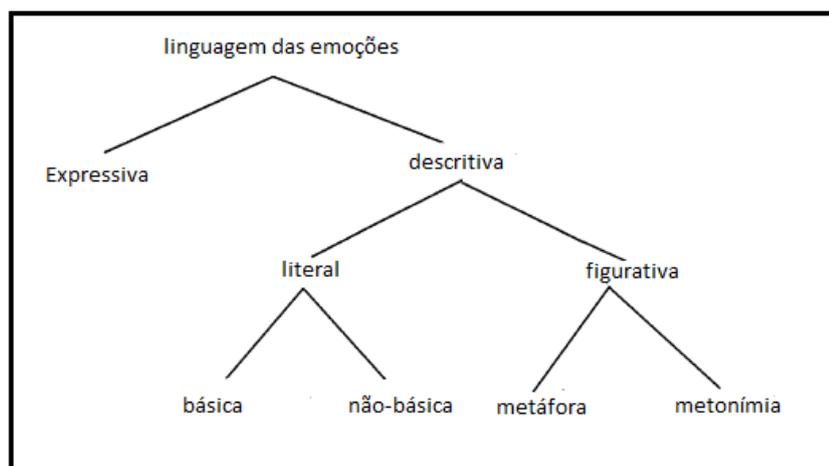
2.11 Metáfora e emoções

O fenômeno das emoções humanas é objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento, sendo estudado na filosofia, psicologia, biologia, neurociência e linguística. Para Abreu (2015) as emoções são fenômenos multimodais, relacionados a aspectos corporais, comportamentais, mentais, subjetivos e culturais. Elas assumem um caráter interdisciplinar.

Boa parte das expressões linguísticas que expressam emoções tem base metafórica e/ou metonímica. "Se examinarmos as sentenças de expressões linguísticas que são comumente usadas pelos falantes nativos para falar sobre emoções, descobrimos que a maioria delas são figurativas, ou seja, metafóricas ou metonímicas por sua natureza". (KÖVECSES, 2002, p. 111).

De acordo com Kövecses (2002), há três grupos em que se pode manifestar a linguagem de emoção: os termos expressivos, os termos que literalmente descrevem tipos particulares de emoção e as expressões figurativas que descrevem aspectos de uma emoção que são conceptualizados de maneira metafórica, como se observa na figura abaixo.

Figura 02 – Tipos de linguagem da emoção



Fonte: Kövecses (2002) com adaptações

As metáforas da emoção surgem de experiências corporificadas recorrentes, ou seja, “as construções sociais recebem uma base corporal e a motivação corporal recebe uma substância sociocultural” (KÖVECSES, 2002, p. 35). Por isso, o linguista argumenta que as emoções humanas em muitas culturas se conformam a certos processos biológico-fisiológicos básicos no corpo humano e do corpo interagindo com o mundo externo.

Para Johnson (1987), as metáforas conceptuais conceptualizam não apenas as emoções, mas também, descrevem a estrutura da experiência humana com as emoções, “quando eu estou afetado emocionalmente, eu me sinto desequilibrado”. Meu mundo assume uma forma diferente daquela que ele normalmente tem. Quando eu me sinto desequilibrado emocionalmente, eu estou experienciando um sentido de aflição psicológica”. (JOHONSON,1987, p. 89).

Há uma variedade de emoções que o ser humano experiencia, entretanto, de acordo com Kövecses (2002), apesar dos conceitos de emoção receberam atenção de uma variedade de pesquisadores, como demonstra o Quadro elaborado por Abreu (2015) abaixo, algumas emoções mais básicas de acordo com vários autores.

Quadro 04 – Emoções básicas ou prototípicas de acordo com vários autores

Autores	Emoções
Darwin	felicidade, tristeza, medo, nojo, raiva, surpresa
Ekman	alegria, tristeza, medo, nojo, raiva, surpresa
Oatley e Johnson-Laird	raiva nojo, ansiedade, felicidade, tristeza
Izard	raiva, interesse, desprezo, nojo, agonia, medo, alegria, vergonha, surpresa
Plutchik	aceitação, raiva, antecipação, nojo, alegria, medo, tristeza, surpresa.
Damáσιο	medo, raiva, nojo, surpresa, tristeza, felicidade
Scherer	raiva, medo, alegria, nojo, tristeza, culpa
Kövecses	raiva, medo, tristeza, felicidade.

Fonte: Abreu (2015)

Conforme Kövecses (2002), geralmente, as emoções básicas que são mais recorrentes são a raiva, medo, felicidade e tristeza que são consideradas, em relação ao seu status cognitivo, como categorias linguísticas hierarquizadas, ou seja, prototípicas.

Segundo Kövecses (2000), existe alguns padrões para os conceitos de emoção, dentre eles os domínios-fonte metafóricos EMOÇÃO É UM ORGANISMO VIVO e EMOÇÃO É UM

OBJETO que se aplicam a todos conceitos de emoção, dando origem as metáforas conceptuais associadas ao conceito de emoção em geral. Para Abreu (2015), quando uma emoção é conceptualizada como um objeto, a emoção funciona como uma entidade independente da pessoa, possui vida própria e ação independente.

Conceptualizações metonímicas também são bases para alguns padrões de conceitos de emoção, dentre eles o EFEITO DA EMOÇÃO PELA EMOÇÃO, descrito por Lakoff e Kövecses (1983) quando discutiam o domínio RAIVA. Eles argumentam que a base da metonímia EFEITO DA EMOÇÃO PELA EMOÇÃO é causado pelos efeitos fisiológicos que o indivíduo sente quando está com raiva, tais como calor, aumento da pressão interna e agitação dando origem a expressões na língua portuguesa como *meu sangue está fervendo* e *eu vou explodir*.

Em Baniwa, quando um indivíduo está com vergonha fala-se *keerama karo-ka-no-ikaa*, em tradução literal “o vermelho da vergonha está em cima de mim”. Ou seja, o efeito de ficar ruborizado quando está com vergonha é maneira como a cultura Baniwa descreve essa emoção baseada no modelo metonímico EFEITO DA EMOÇÃO pela EMOÇÃO.

3. CAPÍTULO METODOLÓGICO

3.1 Natureza da pesquisa

3.1.1 Pesquisa qualitativa

Esta pesquisa está alicerçada no âmbito da pesquisa qualitativa que, de acordo com Denzin e Lincoln (2006), consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Para os autores, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativista, para o mundo, o que significa que os pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais. Segundo Bogdan e Biklen (2003), a pesquisa qualitativa envolve algumas características, tais como: ambiente natural, dados descritivos, preocupação com o processo, preocupação com o significado e processo de análise indutivo.

Pires e outros (2012) afirmam que a pesquisa qualitativa se caracteriza, em geral, por sua flexibilidade de adaptação ao seu desenvolvimento, “inclusive no que se refere à construção progressiva do próprio objeto de investigação”. Para os autores, este tipo de pesquisa tem a capacidade de se ocupar de objetos complexos que podem descrever com riqueza vários aspectos importantes da vida social, relativos à cultura e à experiência vivida. O estudo das metáforas se enquadra na pesquisa qualitativa uma vez que as metáforas conceituais permeiam a vida cotidiana (LAKOFF; JOHNSON, 1980) e é um mecanismo da cognição que desempenha um papel fundamental na construção e organização das nossas experiências no mundo cotidiano.

3.1.2 Princípio metodológico

Esta pesquisa segue o princípio metodológico *Usage-based Models of Languages* (BARLOW; KEMMER, 2000) que se desenvolveu no bojo da linguística cognitiva em que compreende que há uma íntima relação entre estruturas linguísticas e as instâncias do uso da linguagem. Para Barlow e Kemem (2000), este modelo “é aquele em que o sistema linguístico do falante está fundamentalmente fundamentado em eventos de uso”: instâncias da linguagem de produção e compreensão de um falante”.

De acordo com este modelo metodológico, o pesquisador deve usar somente exemplos reais de eventos linguísticos, se contrapondo a outras metodologias que permitem ao pesquisador criar dados linguísticos textuais hipotéticos sem base no uso real da língua para justificar a abordagem teórica.

3.1.4 *Corpus* linguístico

Hunston (2002) afirma que o vocábulo *corpus* vem sendo utilizado por linguistas para denominar amostras naturais de língua escrita e falada coletadas para um estudo linguístico. Na mesma linha, Galisson e Coste (1983), definem *corpus* como um conjunto finito de enunciados tomados como objeto de análise, característicos do tipo de língua a estudar, reunidos para servirem de base à descrição e, eventualmente, à elaboração de um modelo explicativo dessa língua. Trata-se, pois, de uma coleção de documentos quer orais (gravados ou transcritos) quer escritos, quer orais e escritos, de acordo com o tipo de investigação pretendido.

A disciplina e abordagem metodológica, Linguística de *corpus*, apontam que um *corpus* deve respeitar um conjunto de requisitos que impactarão na validade e confiabilidade da pesquisa baseada no *corpus*. Estes critérios são: autenticidade, representatividade, balanceamento, amostragem, diversidade e tamanho. (ALUÍZIO; ALMEIDA, 2006, p.157).

Sobre estes critérios, as autoras colocam que:

Os textos devem ser *autênticos*. Por autenticidade, compreende-se: a) os textos devem ter sido escritos em linguagem natural. [...] O *corpus* deve ter *representatividade*, isto é, ser representativo da língua ou de uma variedade de língua que se deseja pesquisar. [...] Para o estudo da língua importa um *corpus* com amostras que sejam representativas por incluírem toda a variação linguística que existe. [...] É preciso ter em mente que o *corpus* deve ser *balanceado*, ou seja, deve ter um equilíbrio de gêneros discursivos, vale ressaltar que as línguas analisadas não tem registros escritos. [...] Sinclair (2005) as autoras colocam que um *corpus* deve ter o *tamanho* adequado ao tipo de pesquisa que se vai realizar e à metodologia a ser adotada na pesquisa. Quando se fala em tamanho de um *corpus*, não se trata somente do número total de palavras (*tokens*) e de palavras diferentes (*types*), mas com quantas categorias (gêneros discursivos, tipos de textos, datas, autores, etc.) (ALUÍZIO; ALMEIDA, 2006, p.159)

Esta dissertação buscou ser fiel aos critérios descritos acima, no entanto cabe ressaltar que há poucos estudos sobre as línguas aqui analisadas, e por conseguinte, a existência de corpus com ampla amostragem também é restrita. Com isso, o corpus dessa dissertação, construído a partir da coleta de dados com os participantes e trabalhos acadêmicos, pode não representar toda a variação linguística das línguas.

3.2 Contexto da pesquisa

3.2.1 *Participantes*

Os colaboradores desta pesquisa são estudantes indígenas estudantes e egressos do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade de Brasília (UnB), que desenvolvem pesquisa em Linguística sobre suas línguas no Laboratório de Línguas e

Literaturas Indígenas (LALLI) sob supervisão da professora doutora Ana Suely Câmara de Arruda Cabral.

Para a língua Gavião Ikólóehy, o colaborador foi o mestre em linguística Iran Ikóló, para a língua Baniwa, Frankito Apolinário da Silva e a mestranda em linguística Valkiria Apolinário, na língua Xavante, o colaborador foi o mestre em linguística Elizeu Wadupí Tsipré. Para a língua Kaiowá, a colaboradora foi a doutoranda em linguística Rosileide Barbosa de Carvalho. Armando Sompré para a língua na língua Xerente. Ressalta-se que os colaboradores são falantes plenos de suas línguas.

Os participantes forneceram os dados linguísticos necessários para a construção do *corpus* linguístico, também é um elemento de validade da pesquisa uma vez que o dado linguístico é extraído de falantes nativos destas línguas e que possuem conhecimento linguístico, uma vez que são linguistas.

3.2.2 Questões éticas

Por princípio ético, os dados linguísticos utilizados nesta pesquisa terão autorização dos participantes, que seguirá o princípio do esclarecimento consentido que se caracteriza, segundo Rosa e Arnoldi (2006), “por deixar claro que o participante deve não apenas concordar em participar do experimento, mas também tomar essa atitude plenamente consciente dos fatos, dos questionamentos, dos motivos da Entrevista, dos riscos e dos favorecimentos que os resultados podem ocasionar” ficando livre para o participante deixar de participar por qualquer motivo.

Os dados utilizados nesta pesquisa serão disponibilizados para as comunidades para que se apropriem do conhecimento para o desenvolvimento de práticas pedagógicas no ensino das línguas originárias e do português como segunda linha ou como língua estrangeira.

Também, o *corpus* construído por esta investigação, ajudará como fonte de dados linguísticos, nos trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores no âmbito de suas pesquisas, uma vez que, não é razoável se apropriar do conhecimento destas comunidades tradicionais sem que elas sejam beneficiadas.

3.3 Coleta de dados

Para a coleta de dados utilizaremos a estratégia da triangulação de instrumentos. Segundo Flick (1998), a triangulação é a melhor maneira de se compreender a combinação de uma multiplicidade de práticas metodológicas, materiais empíricos, perspectivas e

observadores em um único estudo é uma estratégia que acrescenta rigor, fôlego, complexidade, riqueza e profundidade a qualquer investigação (FLICK, 1998, p. 20). Para a conformação do *corpus* de metáforas linguísticas, utilizaremos a triangulação na coleta dos dados linguísticos e outras informações pertinentes a esta investigação por meio da revisão bibliográfica que respeite o princípio metodológico *Usage-based Models of Languages* já descrito anteriormente e a entrevista semiestruturada.

Antes dos procedimentos de coleta de dados, foi ministrado algumas aulas sobre Teoria da Metáfora Conceptual para os estudantes no Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas Aryon Dall' Igna Rodrigues (LALLI) da Universidade de Brasília, momentos que possibilitou uma rica troca de conhecimento a respeito das línguas analisadas e suas estruturas metafóricas. Ao longo da realização da pesquisa, foram coletados os dados com os colaboradores que foram amplamente discutidos, analisados e comparados em dicionários e trabalhos acadêmicos sobre as línguas estudadas, além das diversas discussões com os colaboradores que são linguistas.

Os dados da língua Xerente foram extraídos da tese de doutorado *Uma descrição da morfologia e de aspectos morfossintáticos da língua akwẽ-xerente (jê central)* de Contrin (2016) e validados pelo mestre em linguística Armando Sopré. Os dados da língua Kayabí foram extraídos do dicionário *O Dicionário Básico Kayabí – Português*. Parte dos dados em Kaiowá foram extraídos da dissertação de mestrado *Análise morfológica da língua Kaiowá: fundamentos para uma gramática e dicionário bilingue* de 2018 da colaboradora Rosileide Barbosa de Carvalho.

3.3.1 Revisão bibliográfica

A revisão bibliográfica, neste trabalho, é base para descrição da fundamentação teórica e da coleta de dados com a finalidade de acrescentar ao *corpus* da pesquisa, dados linguísticos válidos de pesquisas já realizadas que possam acrescentar nesta investigação.

A revisão bibliográfica consiste na análise de pesquisas relevantes sobre a temática que possibilita fazer uma síntese do estado do conhecimento de um determinado assunto, além de apontar lacunas do conhecimento que precisam ser preenchidas com a realização de novos estudos. (MENDES, SILVEIRA; GALVÃO, 2008. p. 760)

3.3.2 Entrevista semiestruturada

Para Rosa e Arnoldi (2006), a entrevista pode ser classificada, com relação a sua estruturação e roteiro, em estruturada, semiestruturada e livre. Por opção metodologia e

adequação ao presente estudo optou-se pela entrevista semiestruturada.

Neste tipo de entrevista, as questões que fazem parte da entrevista semiestruturada deverão ser formuladas de forma em que o sujeito entrevistado discorra e verbalize seus pensamentos, tendências e reflexões sobre os temas apresentados (ROSA; ARNOLDI, 2006 p, 30).

Rosa e Arnoldi descrevem que este tipo de entrevista, as questões devem ser abertas e devem evocar ou suscitar uma verbalização que expresse o modo de pensar ou de agir das pessoas, face aos temas focalizados.

A partir de um roteiro preestabelecido que permita ao investigador extrair, por meio do discurso dos participantes, as metáforas linguísticas e outras informações relevantes. Portanto também se enquadra na entrevista do tipo investigação que por meio da seleção de pessoas competentes, procuram-se reunir tanto dados uteis para as hipóteses levantadas como respostas às mesmas.

3.4 Procedimento de análise de dados

A questão central dentro do procedimento de identificação metafórica é de como identificar, a partir da expressão linguística metafórica (*metaphorical expression*), a metáfora conceptual, Segundo Lakoff e Johnson (1980), a metáfora conceptual é constituída por mapeamentos entre domínios conceituais: o domínio-fonte e o domínio-alvo. O domínio fonte é o domínio de natureza mais concreta e experiencial, já o alvo é o domínio de natureza mais abstrata.

Para este tipo de investigação há duas possibilidades metodológicas que são o método dedutivo e o método indutivo. No método dedutivo, significa que o pesquisador assume a existência de um conjunto de metáforas conceituais e emprega-o para a indentificação de metáforas lingüísticas relevantes (KOPEC, 2012, p. 124). Sardinha (2009) classifica esta abordagem do tipo *top down* utilizada por Kövecses (2005).

No método indutivo, de natureza *botton-up*, é aquele em que o pesquisador parte da metáfora linguística ou expressão metafórica para codificar a metáfora conceptual (SARDINHA, 2009). Nesta perspectiva, segundo Kopec (2012), a existência da metáfora conceptual não foi assumida *a priori*. A tarefa do linguista é reconstruir essas estruturas conceituais que constituem os domínios basilares da metáfora conceptual.

O julgamento de que é uma metáfora exige rigor metodológico, Gibbis (2006) afirmava

que “o desafio futuro para todos os estudiosos de metáfora é ter mais clareza sobre o tipo de evidência empírica que é necessária, e sobre como deve ser obtida e analisada, a fim de caracterizar de modo apropriado o alcance e os limites da mente metafórica” (GIBBS, 2006. p. 13). Por isso, utilizaremos procedimentos metodológicos já consagrados na análise de metáforas que possibilitam a sistematização de metáforas a partir de dados linguísticos confiáveis.

Foi utilizada a abordagem do tipo *botton-up*, portanto, método indutivo. Nessa abordagem “é preciso *julgar* as instâncias levantadas, ou seja, o pesquisador precisa decidir se um candidato à metáfora pode de fato ser considerado uma metáfora” (SARDINHA, 2009, p. 85). Esse trabalho foi feito em conjunto com os colaboradores de pesquisa, revisados pela professora Ana Suelly e Enrique Huelva.

O julgamento levou em consideração a concepção cultural que os povos têm dos fenômenos emocionais que, ainda que exista emoções prototípicas, algumas emoções podem não fazer parte do sistema cultural de cada cultura.

3.4.1 Métodos de procedimentos de identificação metafórica

A pesquisa qualitativa, como um conjunto de atividades interpretativas, não privilegia nenhuma única prática metodológica em relação a outra (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 20). No entanto, os procedimentos escolhidos são procedimentos seminais de análise de metáforas amplamente utilizados neste tipo de pesquisa que são: o *Metaphor Identification through Vehicle Terms* (MIV), *Metaphor Identification Procedure* (MIP), e o modelo apresentado o *Metaphor Identification Procedure VU University Amsterdam* (MIPVU). Para análise das metáforas linguísticas, utilizaremos a triangulação destes procedimentos descritos a seguir.

O *Metaphor Identification Procedure* (MIP), proposto pelo Pragglejaz Group (2007), segue os seguintes passos para a identificação de metáforas linguísticas:

- a) Leia o texto-discurso inteiro para estabelecer um entendimento geral do significado.
- b) Determine as unidades lexicais no texto-discurso.
- c) Para cada unidade lexical no texto, estabeleça seu significado no contexto, ou seja, como é aplicada a uma entidade, relação ou atributo na situação evocada pelo texto (significado contextual). Leve em consideração o que vem antes e depois da unidade lexical.
- d) Para cada unidade lexical, determine se há um significado contemporâneo mais básico em outros contextos do que existente no contexto dado.
- e) Para outros fins, significados básicos tendem a ser mais concretos (o que evocam é mais fácil de imaginar, ver, ouvir, sentir, cheirar e provar), relacionados a ações corpóreas, mais precisos (em oposição a vagos), mais antigos historicamente.
- f) Caso a unidade lexical tenha mais de um significado atual/contemporâneo em outros contextos além do apresentado, decida se o significado contextual contrasta com o significado básico, mas pode ser entendido quando comparado com ele.

g) Se sim, marque a unidade lexical como metafórica. (PRAGGLEJAZ GROUP, 2007, p. 3)

Tal abordagem é contrária à prática comum em linguística cognitiva. O procedimento não visa descrever a natureza exata das correspondências subjacentes entre domínios conceituais. Em vez disso, concentra-se em metáforas linguísticas, e não em suas estruturas conceituais. Centralizando a análise em buscar um sentido mais básico de uma unidade léxica em um trecho de descrição metafórica. (KOPEC, 2012, p. 125).

4. METÁFORAS EM LÍNGUAS INDÍGENAS

4.1 Construções metafóricas nas línguas indígenas brasileiras

As línguas indígenas brasileiras, cujos dados foram analisados nesse estudo, apresentam construções metafóricas e metonímicas nos domínios-fonte da fauna e flora, do corpo humano, das ferramentas, construções e edificações, dimensões físicas como grande e pequeno, das formas como achatado e redondo, das sensações físicas como calor, frio e forças, percepções visuais de claro escuro, de deslocamento no espaço, das entidades míticas e artefatos. Estas construções metafóricas correspondem a itens lexicais e sentenças. Apresento em seguida como as construções são expressas nas diferentes línguas focalizadas neste estudo.

Sintagma nominal [Det. + N]

Baniwa

17. *nhe-wida*
3PL.-cabeça
(lit.: ‘cabeça deles’)
‘liderança masculina’

18. *ni-ri*
1POSS.-raiz
(lit.: ‘minha raiz’)
‘meu filho’

19. *hamo-ka-ni*
quente-?- 3masc.
(lit.: ‘ele está quente’)
‘ele está com febre’

Sintagma nominal [N. + Adj.]

Baniwa

20. *tsianli pedalia*
homem bom de comer
(lit.: ‘homem maduro’)
‘homem velho’

21. *linaro pedalia-mi*
mulher bom de comer-NOM.
(lit.: ‘mulher madura’)
‘mulher velha’

Gavião Ikólóehy

22. *nekó-xòhn*
onça-fedida

‘gambá’

23. *pavóa -vóhv*
fruta vermelha
‘fruto maduro’

24. *pavóa kiri*
fruta verde

Sintagma nominal [N_{det.} + N_{dnd.}]

Baniwa

25. *pantti-iaphi*
casa-osso
(lit.: ‘osso da casa’)
‘coluna’

26. *li-tama-le*
pedra-dorso-POSS.
(lit.: ‘costas da pedra’)
‘atrás da pedra’

27. *pantti-itama-le*
casa-dorso-POSS.
(lit.: ‘costas da casa’)
‘atrás de casa’

Gavião Ikólóehy

28. *ihv-népo*
pau-braço
(lit.: ‘braço da árvore’)
‘galho’

29. *i-népo*
água-braço
(lit.: ‘braço da água’)
‘braço do rio’

30. *gorá-kóxihr*
deus-boca
(lit.: ‘boca de deus’ ou ‘voz de deus’) ‘
‘nambu azul’

31. *gorá-áxoéhj*
deus-imagem/status
(lit.: ‘imagem de deus’)

‘pássaro típico da região’

32. *zav álabe*

casa dorso

(lit.: ‘costas da casa’)

‘parede do lado de fora’

33. *zav ábéh*

casa dorso

(lit.: ‘costas da casa’)

‘atrás da casa’

34. *ihv ábéh*

arvore costa

(lit.: ‘costas da árvore’)

‘atrás da árvore’

35. *zav káli*

casa osso

(lit.: ‘osso da casa’)

‘vigas e caibros da casa’

Sintagma nominal [N_{det.} + (N_{det.} + N_{ndd})].

36. *zav va-kó*

casa buraco-boca

(lit.: ‘buraco boca da casa’)

‘janela’

Orações simples

Baniwa

37. *nóako no - kaale riko*

falar 1POSS.coração dentro

(lit.: ‘falei dentro do meu coração’)

‘falei comigo mesmo’

Xerente

38. *pikō kri pra*

mulher casa pé

(lit.: ‘mulher com pé na casa’)

‘a mulher (está) em casa’

39. *kri pra wa t ã nãm-r*

casa pé 1 RLS 1 POSIC.estar.sentado-NOM.
(lit.: ‘estou sentado com pé em casa’)
‘estou dentro de casa’

40. *waĩ nĩm bdə ĩ waptkã-zε mã za nwa waptã-r*
1 PERT. sol 1 nascer-CIRC. 3 ir PERM. cair-NOM.
(lit.: ‘o meu nascer do meu sol vai poder cair’)
‘meu aniversário está chegando’

Gavião Ikólóehy

41. *ah-gónav mah-’a*
3-inspirar 3AUX.PERF.-ASS.
(lit.: ‘ele pegou a vida’)
‘respirar, começar a ressuscitar’
42. *sah-góa pàràhr*
3-coração bom
‘ele é bondoso’
43. *sah-góa pere pàràhr*
3-coração ideia bom
(lit.: ‘a ideia do coração dele (é) boa’)
‘ele é bondoso’
44. *a-pere-kala*
3-ideia-procurar
(lit.: ‘ele procura ideia’)
‘falta de ideia’
45. *a-pere pí-r-tá*
3-ideia ter-ASS.
(lit.: ‘ele (está) com ideia para se defender’)
‘estar preparado para algo’ ou ‘tem a ideia pronta’.
46. *a-pere oh*
3-ideia acabado
(lit.: ‘ele está com ideia acabada’)
‘desestimulado/sem ideia/sem argumento’
47. *ah-góe kah⁶*
3-coração/pensamento ir (descolamento)
(lit.: ‘o pensamento dele vai’)

Neologismos

⁶ De acordo com Iran Ikóló, na sua língua esta expressão significa “estar com ideia viajando, sem concentração, perdido no pensamento, como se o coração viajasse para trazer a memória”.

As línguas analisadas neste estudo, apresentam uma variedade de neologismos a partir das situações de contato com povos não indígenas. Para Lopes (2014), esta estratégia manifesta uma atitude linguística de conservação desses povos frente aos novos elementos advindos de um mundo exterior, “a consequência desse ato coletivo e intencional de nomear pode estar manifestada nas próprias estratégias linguísticas usadas pelos falantes da língua, que precisam interpretar o que não fazia parte de seu universo a partir de suas próprias referências léxico-semântico-culturais e de seus mecanismos linguísticos, como o da metáfora”. (LOPES, 2014, p. 430).

Nas línguas analisadas neste estudo, diversos neologismos são construídos a partir de elementos já presentes na cultura são usados como fonte primária para designar os novos elementos evidenciando o uso de processo metafórico e metonímico na designação dos novos nomes como exemplifica os dados a seguir das línguas Baniwa, *Gavião Ikólóehy* e *Xerente*.

Baniwa

48. *depe-ka-wá*
noite- REFL.-1PL.
(lit.: ‘nossa noite’)
‘boa noite’
49. *hekoapi-ka-wa* *ikaa*
universo/dia-NON.REFL. em.cima
(lit.: ‘em cima do nosso universo’)
‘bom dia’
50. *pema-pakapi*
um.lado-mão
(lit.: ‘um lado da mão’)
‘numeral cinco’
51. *pantti-noma*
casa-boca
(lit.: ‘boca da casa’)
‘porta’

Gavião Ikólóehy

52. *pèe ve* *màló*
coisa NOM. enviar para perto
(lit.: ‘enviar algo na nossa mente ou lembrar de algo’)
‘celular’
53. *garpi-mi* *mán*
céu-PERL. NOM.

(lit.: ‘o que anda pelo céu’)
‘avião’

54. *gój-mi mán*
chão-PERL. NOM.
(lit.: ‘o que anda pelo chão’)
‘carro’

55. *terere*⁷
‘motocicleta’

56. *ihv kátáh-r*
madeira cortar-NOM.
(lit.: ‘cortador de madeira’)
‘motosserra’

57. *pa-ví-r má-vi-v*
INCL-comer-NOM. CAUS.-morrer-NOM.
(lit.: ‘fazedor do morrer da nossa comida’)
‘fogão’

58. *iti-pòh*
veado-grande
‘boi’

59. *vása-pòh*
anta-grande
‘cavalo’

Xerente

60. *kri zdə*
casa perna
(lit.: ‘perna da casa’)
‘parede’

61. *arbə pahi*
morcego asa
(lit.: ‘asa de morcego’)
‘guarda-chuva’

62. *wapsã zi*
cachorro grão/semente
(lit.: ‘grão de cachorro’)
‘pulga’

7 Trata-se de um idiofone. O som produzido pela moto, funciona como domínio-fonte para designar o objeto.

63. *wai nĩm t̃ara mrmẽ- Ø*
1 PERT. ferro falar-NOM.
(lit.: ‘meu ferro que fala’)
‘meu celular’

64. *twara wra- Ø pra*
ferro correr-NOM. pé
(lit.: ‘pé de correr de ferro’)
‘pneu’

4.2 Emoções nas línguas indígenas brasileiras

As línguas analisadas neste estudo, apresentam expressões linguísticas (literais e puramente metafóricas) para o conceito de EMOÇÃO que são conceptualizadas de maneira metafórica e metonímica que são estruturadas pela metonímia EFEITO DA EMOÇÃO PELA EMOÇÃO e CORPO ESTÁ LOCALIZADO NA EMOÇÃO e pelas metáforas conceptuais EMOÇÃO É ORGANISMO VIVO e EMOÇÃO É OBJETO.

Diversos referentes já descritos na seção anterior, estruturam o domínio-fonte, com especial atenção para os órgãos internos do corpo humano que, de acordo com Pires (2015), demonstram que a elaboração de conceitos de emoção com base em conceitos mais concretos, permite acessar e descrever a estrutura conceptual de categorias de emoção e seus efeitos.

EFEITO DA EMOÇÃO PELA EMOÇÃO

Nesta metonímia geral EFEITO DA EMOÇÃO PELA EMOÇÃO o corpo humano é o local em que é manifesto os fenômenos emocionais funcionando como domínio-fonte RECIPIENTE, podendo suas partes representar PARTE PELO TODO.

Nessas expressões linguísticas, estruturadas pela metáfora CORPO É UM RECIPIENTE, o corpo ou seus órgãos inteiros atuam como um experienciador que é modificado por diferentes atributos, tais como as sensações físicas e verbos agentivos,

Na língua Gavião *Ikólóehy*, RAIVA ex.(65), TRISTEZA ex. (66), MAGOA e DESGOSTO ex. (67) são construídos, respectivamente a partir de atributos que sintetizam as sensações físicas resultantes da ação de cortar, queimar e apertar que ocorre dentro do RECIPIENTE que pode ser todo o corpo ex. (65), ou o coração, como demonstra os exemplos (66) e (67).

Gavião Ikólóehy

65. *a-pása-la*
3-cortar- dentro
(lit.: ‘ele (está sendo) cortado por dentro’)

‘ele está com raiva’

66. *ah-góa* *xirig-tá*
3-coração aperto-ASS.
(lit.: ‘coração dele (está) com aperto’)
‘triste’

67. *ah-góér-pa*
3-coração queimando
(lit.: ‘coração dele (está) queimando’)
‘desgosto, mágoa’

Tal como outras línguas naturais, nas línguas indígenas os órgãos internos são base para a construção de metáforas, funcionando também como RECIPIENTE dos fenômenos emocionais. No Xerente, o coração é o *locus* das emoções. Da mesma forma, é o experienciador de ações tipicamente de seres animados como a embriaguez que codifica TRISTEZA ex. (68) e a dor que designa SAUDADE ex. (69). Já na língua Xavante, que pertence a mesma família linguística do Xerente (Jê Central), a SAUDADE é expressa pelo efeito da quebra da barriga (ex. 70).

Xerente

68. *pkẽ wadəkə-∅*
coração embriagar-NOM.
(lit.: ‘embriaguez do coração’ ou ‘coração embriagado’)
‘tristeza’

69. *pkẽ zε-∅*
coração dor/ardido-nom.
(lit.: ‘dor do coração’)
‘sentir saudades’

Xavante

70. *ĩ -pe- ãeze-di*
1. barriga-quebrar-nom.-EST.
(lit.: ‘minha barriga quebrada’)
‘sentir saudades’

Tanto no Xerente como no Xavante, a cabeça experiencia sensações térmicas relativas a quente e frio que sintetizam as emoções de RAIVA/NERVOSISMO para cabeça quente ex. (71) e (73). Para expressar TRANQUILIDADE a construção é dada por cabeça fria como demonstra os exemplos (72) e (74).

Xerente

71. *krāi-wakro*
cabeça-quente
(lit.: ‘cabeça quente’)
‘nervoso/com raiva’

72. *-krāi- waho*
(lit.: ‘cabeça fria’)
‘tranquilo’

Xavante

73. *ĩ -rāi- waro-di*
1-cabeça-quente-EST.
(lit.: ‘eu (estou de) cabeça quente’)
‘eu estou nervoso/com raiva’

74. *ĩ -rāi-waho-di*
1-cabeça-fria-EST.
(lit.: ‘eu (estou de) cabeça fria’)
‘eu estou tranquilo’

EMOÇÃO É UM ORGANISMO VIVO

Na metáfora conceptual EMOÇÃO É UM ORGANISMO VIVO os órgãos internos funcionam como ORGANISMO aos quais são atribuídas características típicas de seres animamos. Na língua Gavião Ikólóehy, o coração que chora (75), ou que está com o morrer (76) designa o conceito de TRISTEZA, para FRAQUEZA o coração já está morto como expressa o exemplo (77).

75. *ah-góa vāga-tá*
3-coração choro-ASS.
(lit.: coração dele (está) chorando’)
‘emocionado de tristeza’

76. *ah-góa víh-v-tá*
3-coração morrer-N.CIR-ASS.
(lit.: ‘coração dele (está) com o morrer’)
‘triste’

77. *sah-góa wíhr*
3-coração morto
(lit.: ‘o coração dele (está) morto’)
‘fraco, sem ânimo’

Ao passo que em Baniwa, Gavião Ikólóehy, Xerente e Xavante o local das emoções no corpo é o coração, nas línguas da família linguística Tupí-Guaraní, o *locus* das emoções e do pensamento é o hiperônimo *-py’a* que, de acordo com Rodrigues (2007), pode ser reconstruído

para Proto-Tupí-Guaraní com o significado de fígado, podendo também representar, a depender da língua, também o estômago. Em Kaiowá ‘fígado doente’, exemplo (78), significa na língua portuguesa ‘uma sensação de coração despedaçado/partido’.

78. *a-ime xe py'a r-asy*
1-estar 1 fígado R¹-doente
(lit.: ‘eu estou (com) fígado doente’)
‘eu estou (com) coração despedaçado’ ou ‘coração partido’

As emoções mais básicas ou prototípicas, a exemplo da FELICIDADE/ALEGRIA, TRISTEZA, RAIVA e MEDO, possuem também, ademais das construções metafóricas e metonímicas, vocábulos literais que denominam estados emocionais como o exemplo (79) em Kaiowá.

79. *ere-ime re-pu'ã vy'ar-e'y*
2 estar 2-levantar alegre-PRIV
(lit.: ‘você se levanta sem alegria’)

Embora tenha termos literais que podem expressar estados emocionais, nas línguas analisadas neste estudo, são os órgãos internos que experienciam as emoções indicando que a emoção está localizada no corpo, dando origem a construções como coração alegre em Gavião Ikólóehy ex. (80), Xerente ex. (81) e Baniwa ex. (82). Em Baniwa, o coração também pode ficar triste ex. (83) ou com raiva ex. (84).

Gavião Ikólóehy

80. *ah-góa mátéh tá*
3-coração alegre ASS.
(lit.: ‘o coração dele (está) alegre’)
‘estar alegre/feliz’

Xerente

81. *-pkê to-∅*
coração alegre
(lit.: ‘alegria no coração’)
‘alegria’

Baniwa

82. *kattima no-kaale*
alegre 1 POSS. -coração
(lit.: ‘meu coração alegre’)
‘estou contente’

83. *innuna no-kaale*
tristeza 1 POSS.-coração

(lit.: ‘meu coração triste’)
‘meu coração está triste’

84. *kejoa no-kaale*
raiva 1POSS.-coração
(lit.: ‘meu coração está com raiva’)
‘estou bravo’

Na língua Kaiowá, assim como em outras línguas da mesma família linguística, o fígado *py’a* fica feliz ex. (85), raivoso ex. (86), enjoado ex. (87) e cansado ex. (88).

Kaiowá

85. *pe-ime pende Ø-py’a r-ory*
2 PL -estar 2 PL R¹-fígado R¹-feliz
(lit.: ‘vocês estão (com) os fígados alegres’)
‘vocês estão contente/feliz’

86. *o-ime py’a=poxy r-e*
3-estar fígado=raivoso R¹-REL
(lit.: ‘ele/ela está (com) o fígado raivoso’)
‘ele/ela está com raiva’

87. *pe-ime pende Ø-py’a=jegwaru*
2PL estar 2PL R¹-fígado=enjoado
(lit.: ‘vocês estão (com) o fígado enjoado’)
‘vocês estão enjoados’

88. *ja-ime já-gwapy ñande Ø-py’a=kane’õ*
1INCL.-estar 1INCL.-sentar 1INCL. R¹-fígado=cansado
(lit.: ‘nós estamos sentados (com) fígado cansado’)
‘nós estamos fatigados’

Para designar o conceito de PREOCUPAÇÃO e RAIVA, em Gavião Ikólóehy, o domínio-fonte é formado pelo experienciador *góa* (coração) é atribuído o aspecto físico da feiura, como demonstra o exemplo a seguir:

89. *ah-góa sor-tá*
3-coração feio-ASS.
(lit.: ‘coração dele (está) com feiura’)
‘preocupado’ e ‘com raiva’

Na língua Baniwá, domínio-fonte *kare* (coração/alma) personificado desloca-se no espaço que é expresso por um verbo de movimento (chegar), o coração se desloca do indivíduo que é objeto da preocupação e pega a alma/coração da pessoa que preocupa ex. (90). Em Gavião Ikólóehy, *peré* (ideia/pensamento) volta ex. (91) para conceituar ANGÚSTIA, como explica o participante Iran Ikóló a ideia retorna /chega para poder arrepende ex. (91).

90. *ri'-kare i'uka kawa nui-kaale*
3. coração chegar NON. 1POSS.-coração
(lit.: 'o coração dele está chegando em mim' ou 'a alma dele já está me pegando')
'estou preocupado com outro'

91. *a-pere volo*
3-pensar volta
(lit.: 'o pensamento dele volta')
'estar angustiado'

Em Gavião *Ikólóehy*, os domínios-fonte *pere* (ideia/pensamento), *góa/góe* (coração) selecionam um verbo agentivo ou causativo para designar ARREPENDIMENTO (quebrar) ex. (92), o verbo procurar codifica também o estado emocional ANGÚSTIADO como no ex. (93).

92. *a-pere-vé pea*⁸
3-pensar-N.CIRC quebrar
(lit.: 'estar com ideias quebradas')
'arrepentido' ou 'pensativo'

93. *ah-góa pére-kala*⁹
3-coração ideia-procurar
(lit.: 'o coração dele procura ideia/explicação')
'estar angustiado'

EMOÇÃO É OBJETO

Nos exemplos analisados, a metáfora EMOÇÃO É OBJETO¹⁰, o domínio-fonte funciona como um OBJETO. Este objeto pode ser um órgão (ex. fígado ou coração) ou a ideia aos quais são atribuídos aspectos físicos, orientação espacial, força e estruturas causativas. Em Baniwa, a força do veneno da pessoa, designa RESENTIMENTO ex. (94).

Baniwa

94. *no-kaidzaa-le*¹¹
1. força do veneno-POSS.
(lit.: 'a força do meu veneno')
'meu ressentimento'

Em Kaiowá e Kayabí, o domínio-fonte *-py'a* funciona como um OBJETO FÍSICO ao

⁸ A explicação dada por Iran Ikóló é de que esta expressão é usada para se referir quando alguém fez algo errado, portanto, quando ainda tinha ideia inteira, depois ele se arrependeu e a ideia se quebrou.

⁹ Está com coração atrapalhado, sem o que fazer, perdido, estar angustiado e sem solução.

¹⁰ Essas construções metafóricas poderiam ser classificadas como EMOÇÃO É UM ORGANISMO VIVO, no entanto, optei por essa classificação porque os atributos não especificamente de seres animados.

¹¹ O veneno na cultura Baniwa, assim como o conhecimento das plantas, estrutura todo um modelo cultural, pois orientam concepções de saúde, defesa, reza e curas.

qual é atribuído um aspecto físico como a dureza, como no exemplo (95) em Kaiowá que designa HOSTILIDADE. Em Kayabi, ex. (96), fígado endurecido conceitua ANGÚSTIA, TRISTEZA etc. Já fígado mole conceitua CALMA, SATISFAÇÃO ou ALÍVIO, como demonstra os exemplos (97).

95. *pe-ime* *pe-pu'ã* \emptyset -*py'a* *h-atã* *pe-ñe'ẽ*
 2PL-estar 2PL-levantar R⁴-fígado R²-duro 2 PL-falar
 (lit.: 'você se levantam falando (com) fígado duro')
 'você se levantam falando de modo hostil'

Kayabi

96. *-py'a - ywrafen*
 fígado - endurecido
 (lit.: 'fígado endurecido')
 'angustiado, nervoso, infeliz, triste'
97. *-py'a - t'awa*
 fígado - mole
 (lit.: 'fígado mole')
 'calmo, contente. satisfeito, aliviado'
98. *-py'a - 'wyt*
 fígado-inclinado/levantado
 (lit.: 'fígado levantado')
 'ansioso, preocupado, desanimado, assustado, pressentir algo'
99. *-py'a - totok¹²*
 fígado - caído
 (lit.: 'fígado caído')
 'fadiga, estafa' ou 'congestão pulmonar'

CORPO ESTÁ LOCALIZADO NA EMOÇÃO

Ao contrário dos exemplos anteriores em que a emoção é expressa pela personificação do órgão humano, como objeto físico ou como organismo vivo, em Kaiowá é a emoção é o RECIPIENTE em que se encontra as partes do corpo. A evidência desse fenômeno é que em Kaiowá, para este tipo de construção é a presença do locativo *-pe* dentro do sintagma nominal que expressa como demonstra os exemplos (100) e (101). MEDO e RAIVA respectivamente.

100. *a-ime* *a-gwapy* *xe* \emptyset -*pya' kyhyje-pe*
 1-estar 1-sentar 1 R¹-fígado-medo-LP
 (lit.: 'eu estou eu sentado (com) meu fígado no medo')
 'estou com medo'

¹² A hipótese defendida por Cabral (2018) em comunicação oral é de *tokok* é o idiofone para o som de algo que cai no chão, por isso a tradução de caído.

101. *o-ime o-gwata ∅-py'a poxy-pe*
3 estar 3-andar R⁴-fígado raiva-LP
(lit.: 'ele anda (com) o fígado na raiva')
'ele anda com raiva'

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação buscou descrever e analisar à luz da Teoria da Metáfora Conceptual as expressões linguísticas que são baseadas em estruturas metafóricas e metonímicas nas línguas indígenas brasileiras (Baniwa, Gavião Ikólóehy, Kayabi, Kaiowá, Xavante e Xerente).

Os dados analisados apontam que os domínios-fonte produtivos são relacionados à fauna e flora, do corpo humano, das ferramentas, construções e edificações, dimensões físicas como grande e pequeno, das formas como achatado e redondo, das sensações físicas como calor, frio, forças, percepções visuais de claro escuro, de deslocamento no espaço, das entidades míticas e artefatos. As expressões linguísticas correspondem a uma variedade de itens lexicais, locuções com núcleos de diferentes classes de palavras, orações simples e sentenças complexas.

As emoções nas línguas analisadas neste estudo, apresentam expressões linguísticas literais e de natureza metafórica e metonímica que indica a validade da Teoria da Metáfora Conceptual em relação a natureza universal de metáforas que estruturam o conceito EMOÇÃO, assim como apresenta variação entre as culturas. Os dados indicam que o conceito de EMOÇÃO é estruturado pelas metonímias EFEITO DA EMOÇÃO PELA EMOÇÃO e CORPO ESTÁ LOCALIZADO NA EMOÇÃO as metáforas EMOÇÃO É OBJETO e EMOÇÃO É ORGANISMO VIVO.

É necessário ampliar os estudos sobre esta temática, uma vez que há mais 200 línguas indígenas brasileiras que representa um imenso conhecimento a respeito do mundo e que há pouquíssimos estudos no campo da linguística cognitiva e sobre o estudo de metáforas e metonímias.

É importante ressaltar que os estudos sobre metáfora e metonímia podem contribuir para o intercâmbio de conhecimento entre os povos e difundir saberes que são transmitidos de geração em geração sobre diversos temas como farmácia, botânica, religião, meio ambiente, antropologia e linguística. Estes conhecimentos podem ser perdidos em caso de morte da língua, porque quando uma língua morre, todo o conhecimento de mundo, acumulado a milhares de anos que podem ser úteis para a sociedade atual se perde. Por fim, o estudo sistemático e analítico das estruturas metafóricas podem ser usados para construção de materiais didáticos nas línguas indígenas e no português, construção de dicionários e outros estudos que permitirão o desenvolvimento da competência sociocultural de quem se interessar por estas línguas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, D. T. B. *Metáfora e emoção: sobre a conceptualização na língua portuguesa*. Tese (doutorado) Universidade do Vale dos Sinos. Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, 2015.
- ALUÍSIO, S. M.; ALMEIDA, G. M. B. O que é e como se constrói um corpus? Lições aprendidas na compilação de vários corpora para pesquisa linguística. *Revista Calidoscópico*, v. 4, n. 3, p. 156-178, set/dez. 2006.
- BARCELONA, A. *Metaphor and Metonymy at the Crossroads: a cognitive perspective*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter. 2003
- BARLOW, M.; KEMMER, S. (eds.). *Usage based models of language*. Stanford, Cambridge: CSLI, 2000.
- BIBER, D. Representativeness in Corpus Design. *Lit Linguist Computing*, v.8, p. 243-257. 1993.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora. 1994.
- CONTRIM, R. G. P. M. *Uma descrição da morfologia e de aspectos morfossintáticos da língua akwẽ-xerente (jê central)* Tese de doutorado. Programa de pós-graduação em Linguística (PPGL), Universidade de Brasília, 2016.
- CROFT, W.; CRUSE, A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- DENZIN, NORMAN, K.; LINCOLN, Y. *O planejamento da Pesquisa Qualitativa: Teorias e abordagens*. Porto Alegre: ARTMED, 2006.
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think*. New York: Basic Books, 2002
- FELTES, H. P. M. *Semântica Cognitiva: Ilhas, Pontes e Teias*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.
- FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
- FLICK, L. *An introduction to qualitative research: theory, method and application*. Londres: Sage, 1998.
- GALISSON, R.; COSTE, D. *Dicionário de didática das línguas*. São Paulo: Almedinina, 1983
- GIBBS, Raymond W. *Embodiment and Cognitive Science*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006
- GRADY, J. E. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. Tese PhD.

University of California at Berkley, Department of Linguistics, Berkley, 1997.

In: DOMINGUES, A. A.; SANTOS, E. S. (org.). *Linguagens e cognição*. Salvador: EDUFBA, 2016, v. 1, p. 195-209.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *O Brasil indígena: os indígenas no Censo Demográfico 2010*. Brasília, DF: Ministério da Justiça, FUNAI, IBGE, 2010.

JOHNSON, C. *Constructional grounding: the role of interpretational overlap in lexical and constructional acquisition*. Tese (Doutorado em Linguística) - University of California, Berkeley, 1999.

JOHNSON, M. *The body in the mind: the bodily basis of the meaning, imagination, and reason*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1987

KOOPEC, Z. Some comments on metaphor identification procedure (MIP). *Seria: Studia Neofilologiczne*, v.7, 2012.

KÖVECSES Z. *Emotion concepts: social constructionist and cognitive linguistics*. In: FUSSEL, S. (ed). *The Verbal communication of emotions*. New York: Psychology Press, 2002

KÖVECSES Z. *Metaphor and emotion: language, culture, and body in human feeling*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

KÖVECSES Z. *Metaphor in culture. Universality and variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

KÖVECSES, Z. *Metaphor: a practical introduction*. 2 ed. Nova York: Oxford University Press, 2010.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. London: The University Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G.; JOHNSON M. *Philosophy in the flesh. The embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. 2.ed. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

LANGANKER, R. Reference-point constructions. *Cognitive Linguistics* 4, 1993.

LEITÃO, A.B.; PEREIRA, I.M.; MELO, L.B.; HUELVA, E. U. *A metáfora da vida na visão do brasileiro: uma análise cognitivo-cultural*. In: DOMINGUES, A. A.; SANTOS, E. S. (org.). *Linguagens e cognição*. Salvador: EDUFBA, 2016, v. 1, p.143-154.

LITTLEMORE, J. *Metonymy: hidden shortcuts in language, thought and communication*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015

LOPES, J. D. *Uma interface da documentação linguística e modelos lexicográficos para línguas indígenas brasileiras: uma proposta para o Suruí-Aikewára*. Tese (doutorado) - Universidade de Brasília, Instituto de Letras da Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2014

MENDES, K. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto contexto - enferm.* [online] 2008, vol.17, n.4, p.758-764.

NARAYANAN, S. *Embodiment in language understanding: Sensory-Motor Representations for Metaphoric Reasoning About Event Descriptions*. Doctoral dissertation, Computer Science Division, EECS Department, University of California, Berkeley. 1997.

NASCIMENTO, Vinícius Nicéas. GOVERNAR É UMA GUERRA: análise do discurso de posse da presidenta Dilma Rousseff. In: DOMINGUES, A. A.; SANTOS, E. S. (org.). *Linguagens e cognição*. Salvador: EDUFBA, 2016, v. 1, p. 195-209.

PEIRSMAN, Y.; GEERAERTS, D. Metonymy as a prototypical category. *Cognitive linguistics*, n. 17. v. 3, p. 327 -35, 2006.

PEREIRA, N. O. M. Uma visão espacial e sociodemográfica da população indígena no Brasil, com base no Censo Demográfico 2010. Caderno Temático: Populações indígenas. In: *Atlas Nacional Digital do IBGE*. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/apps/atlas_nacional/ Acesso em: 21 de março de 2019.

PIRES, A. P. Sobre algumas questões epistemológicas de uma metodologia geral para as ciências sociais. In: POUPART, J. *et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

PRAGGLEJAZ GROUP. MIP: A method for identifying metaphorically used words in discourse. *Metaphor and Symbol*, 22 (1), 1–39, 2007.

QUINN, N.; HOLLAND, D. Culture and cognition. In: HOLLAND, D.; QUINN, N. (Ed.) *Cultural models in language and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

RADDEN, G.; KOVECSSES, Z. Towards a theory of metonymy. In: PANTHER, Klaus-Uwe; RADDEN, Gunter (orgs.) *Metonymy in Language and Thought* (Human Cognitive processing). Amsterdam; Philadelphia: Benjamins, 1999.

RADDEN, Gunter. How metonymic are metaphors? In: BARCELONA, A. (ed.) *Metaphor and Metonymy at the Crossroads*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003.

RADDEN, Gunter. How metonymic are metaphors? In: BARCELONA, A. (ed.) *Metaphor and Metonymy at the Crossroads*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003.

RODRIGUES, A. D. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.

RODRIGUES, A. D. *Línguas indígenas brasileiras*. Brasília, DF: Laboratório de Línguas

Indígenas da UnB, 2013.

ROSA, M. V. F. P. C.; ARNOLDI, M. A. G. C. *A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

RUIZ DE MENDONZA, I. F.; DIEZ VELASCO, O. I. Patterns of conceptual interaction. (2002) In: DIRVEN, R.; PORINGS, R. (eds.) *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 2003.

SAPIR, E. *A linguagem: uma introdução ao estudo da fala*. Rio de Janeiro: Editora acadêmica, 1971.

SARDINHA, T. B. Linguística de Corpus: histórico e problemática. *Revista DELTA* [online]. v.16, n.2, p.323-367, 2000.

SARDINHA, T. B. Questões metodológicas de análise de metáfora na perspectiva da linguística de corpus. *Gragoatá*, Niterói, n. 26, p. 81-102, 1. sem. 2009

SHARIFIAN, F.; DIRVEN, R.; YU, N.; NIEMEIER, S. *Culture and language: Looking for the “mind” inside the body*. In: *Culture, body, and language: conceptualizations of internal body organs across cultures and languages*. (Org.) Sharifian, F.;Dirven, R. Yu, N.; Niemeier, S. Berlim, Nova York; Mouton de Gruyter, 2008.

SHARIFIAN, Farzad. *Cultural Conceptualizations and Language: Theoretical framework and applications*. Amsterdam: John Benjamins, 2011.

SILVA, A. S; LEITE, J.E.R. 35 anos de Teoria da Metáfora Conceptual: Fundamentos, problemas e novos rumos. *Revista Investigações*, v. 28, n. 2, julho, 2015.

SILVA, A.S.S. A linguística cognitiva - Uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. *Revista portuguesa de humanidades*, v. 1, n. 1-2, p. 59 - 110, 1997.

STEEN, G; *et al.* *Method for Linguistic Metaphor Identification: From MIP to MIPVU*. 14 ed. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010.

TRASK, R.L. *Dicionário de Linguagem e Lingüística*. São Paulo: Contexto, 2004.

YU, N. Metaphor, body, and culture: The Chinese understanding of gallbladder and courage. *Metaphor and Symbol*, n.18, v.1, p. 13–31, 2003.

YU, N. The Chinese conceptualization of the heart and its cultural context: Implications for second language learning. In SHARIFIAN, F; PALMER, G. B. (Eds.), *Applied Cultural Linguistics: Implications for Second Language Learning and Intercultural Communication*. 200 Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2007.

ANEXO - Línguas indígenas brasileiras

	Nome da língua e do povo (e variantes do nome)	Família linguística	Tronco linguístico	UF
1.	Aikanã (Aikaná, Tubarão)	Aikanã		RO
	Ajuru (v. Wayoró)			
2.	Akuntsú	Tuparí	<i>Tupí</i>	RO
3.	Amanayé (Amanajé)	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	PA
4.	Amawáka	Páno		AM
5.	Amondáwa	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	RO
6.	Anambé	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	PA
7.	Apaniekrá (Canela, Timbira)	Jê	<i>Macro-Jê</i>	MA
8.	Aparaí (Apalaí)	Karíb		PA
9.	Apiaká (Apiacá)	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	MT
10.	Apinajé (Apinayé)	Jê	<i>Macro-Jê</i>	TO
11.	Apolíma-Arára	?		AC
12.	Apurinã (Ipurinã)	Aruák		AC, AM
13.	Arapáso (Arapaço)	Tukáno		AM
14.	Arara do Beiradão (A. de Aripuanã)	Mondé	<i>Tupí</i>	MT
15.	Arara do Xingu (Ukarangmã)	Karíb		PA
	(Arara v. Káro)			
16.	Araweté	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	PA
17.	Arikapú	Jabutí		RO
18.	Aruá	Mondé	<i>Tupí</i>	RO
19.	Asuriní de Tocantins (Akuáwa)	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	PA
20.	Asuriní de Xingu (Awaeté)	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	PA
21.	Aurê-Aurá	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	MA
22.	Avá-Canoeiro	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	GO, TO
23.	Awetí	Awetí	<i>Tupí</i>	MT
24.	Bakairí (Kúra)	Karíb		MT
25.	Banawá (Banawá-Yafí)	Arawá		AM
26.	Baniwa do Içana	Aruák		AM
27.	Bará	Tukáno		AM
28.	Barasána	Tukáno		AM
29.	Boróro (Bóe)	Boróro	<i>Macro-Jê</i>	MT
30.	Chamacoco	Samuko		MS
31.	Chiquito (Chiquitano)	Chiquito		MT
32.	Cinta-larga	Mondé	<i>Tupí</i>	MT, RO
33.	Dâw (Kamã)	Makú		AM

34.	Dení	Arawá		AM
35.	Desána (Desáno)	Tukáno		AM
36.	Diahói (Diarroi, Jiahúí)	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	AM
37.	Galibí do Oiapoque (Kariña)	Karíb		AP
38.	Galibí do Uaçá (G. Marworno)	Karíb		AP
39.	Gavião (Ikõro, Digüt)	Mondé	<i>Tupí</i>	RO
40.	Guajá (Awá)	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	MA
41.	Guajajára (Tenetehára)	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	MA
42.	Guató	Guató	<i>Macro-Jê</i>	MS
43.	Hixkaryána (Hixkariána)	Karíb		PA, RR
44.	Húpda	Makú		AM
45.	Ikpéng (Txikão)	Karíb		MT
46.	Ingarikó	Karíb		RR
47.	Irántxe (Iránxe)	Irántxe		MT
48.	Jabuti (Jeoromitxi)	Jabutí		RO
49.	Jamamadi (Kanamantí)	Arawá		AM
50.	Jarawára	Arawá		AM
51.	Javaé	Karajá	<i>Macro-Jê</i>	TO
52.	Júma	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	AM
53.	Jurúna (Yudjá)	Jurúna	<i>Tupí</i>	MT
54.	Ka'apór (Urubu)	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	MA
55.	Kadiwéu (Cadivéu)	Guaikurú		MS
56.	Kaingáng (Caingangue)	Jê	<i>Macro-Jê</i>	PR, RS, SC, SP
57.	Kaiwá (Kayowá)	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	MS
58.	Kaixána	?		AM
59.	Kalapálo	Karíb		MT
60.	Kamayurá	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	MT
61.	Kámpa (Axaninka, Ashininka)	Aruák		AC, AM
62.	Kanamarí	Katukína		AM
63.	Kanoê	Kanoê		RO
64.	Karajá (Carajá)	Karajá	<i>Macro-Jê</i>	MT, TO, PA
65.	Karapanã	Tukáno		AM
66.	Karipúna	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	RO
67.	Karipúna do Amapá ¹	Românica	<i>Indo-europeu</i>	AP
68.	Karitiána	Arikém	<i>Tupí</i>	RO
69.	Káro (Arara)	Ramaráma	<i>Tupí</i>	RO
70.	Katawixí	Katukína		AM

71.	Katuéna	Karíb		PA
72.	Katukína	Katukína		AM
73.	Katukína-Páno	Páno		AC, AM
74.	Kaxararí	Páno		AM, RO
75.	Kaxinawá, Caxinauá	Páno		AC
76.	Kaxuyána (Katxuyána)	Karíb		PA
77.	Kayabí (Caiabi, Kaiabí)	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	MT
78.	Kayapó (Mebengokré)	Jê	<i>Macro-Jê</i>	MT, PA
79.	Kokáma (Omágua, Cambeba)	<i>Mista</i>		AM
80.	Kontanáwa	Páno?		AC
81.	Korúbo	Páno		AM
82.	Krahô (Craô)	Jê	<i>Macro-Jê</i>	TO
83.	Krenák (Botocudo)	Krenák	<i>Macro-Jê</i>	MG
84.	Krikatí (Timbira)	Jê	<i>Macro-Jê</i>	MA
85.	Kubéwa (Kubéo)	Tukáno		AM
86.	Kuikúru	Karíb		MT
87.	Kujubim (Kuyubí)	Txapakúra		RO
88.	Kulína (Madihá)	Arawá		AC, AM
89.	Kulíno (Kulína)	Páno		AM
90.	Kuripáko	Aruák		AM
91.	Kuruáya	Mundurukú	<i>Tupí</i>	PA
92.	Kwazá (Kwayá, Coaiá)	Kwazá		RO
93.	Lakondê	Nambikwára		RO
94.	Latundê	Nambikwára		RO
95.	Língua Geral Amazônica (Nheengatú)	(Falada pelos Baré, Baniwa e outros povos no NW do Amazonas)		AM
96.	Máku	<i>isolada</i>		RR
97.	Makúna (Yebamasã)	Tukáno		AM
98.	Makuráp	Tuparí	<i>Tupí</i>	RO
99.	Makuxí	Karíb		RR
100.	Mamaindê	Nambikwára		MT
101.	Mandúka	Nambikwára		MT
102.	Marúbo	Pano		AM
103.	Matipú	Karíb		MT
104.	Matís	Páno		AM
105.	Matsés (Mayorúna)	Páno		AM
106.	Mawé (Sateré-Mawé)	Mawé	<i>Tupí</i>	AM
107.	Maxinéri (Manchineri)	Aruák		AC

108.	Maxakalí	Maxakalí	<i>Macro-Jê</i>	MG
109	Mehináku (Meinaco)	Aruák		MT
110	Mekém (Sakirabiat)	Tuparí	<i>Tupí</i>	RO
111	Miránha	Bóra		AM
112	Mirití-tapúya	Tukáno		AM
113	Mondé	Mondé	<i>Tupí</i>	RO
114	Mundúka	Nambikwára		MT
115	Mundurukú	Mundurukú	<i>Tupí</i>	PA
116	Múra	Múra		AM
117	Mynky (Menki)	Irántxe		MT
118	Nadêb	Makú		AM
119	Nagarotú	Nambikwára		MT
120	Nahukwá	Karíb		MT
121	Nambikwára Kithaulú, Sawantesú y otros	Nambikwára		MT
122	Nambikwára del Pequizal	Nambikwára		MT
123	Nambikwára del Sur	Nambikwára		MT
124	Nambikwára del Valle del Guaporé	Nambikwára		MT
125	Nhandéva	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	MS, PR, SP
126	Ninám	Yanomámi		RR
127	Nukiní	Páno		AC
128	Ofayé (Opaié, Ofayé-Xavánte)	Ofayé	<i>Macro-Jê</i>	MS
129	Orowín (Oro Win)	Txapakúra		RO
130	Paitér (Suruí de Rondonia)	Mondé	<i>Tupí</i>	RO
131	Palikúr	Aruák		AP
132	Panará (Kayapó del Sur, Kren- akarôre)	Jê	<i>Macro-Jê</i>	MT, PA
133	Parakanã (Apiteréwa)	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	PA
134	Paresí (Pareci, Halití)	Aruák		MT
135	Parintintín	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	AM
136	Patamóna (Kapóng)	Karíb		RR
137	Paumarí	Arawá		AM
138	Pirahã (Múra-Pirahã)	Múra		AM
139	Pirá-tapúya (Waíkana)	Tukáno		AM
140	Poyanáwa	Páno		AC
141	Puruborá	Puruborá	<i>Tupí</i>	RO
142	Ramkokamekrã (Canela, Timbira)	Jê	<i>Macro-Jê</i>	MA
143	Rikbáktsa (Rikbák, Canoeiro)	Rikbáktsa	<i>Macro-Jê</i>	MT

144	Sabanê	Nambikwára		RO
145	Salumã (Enawenê-nawê)	Aruák		MT
146	Sanumá	Yanomámi		RR
147	Sararé	Nambikwára		MT
148	Siriána (Siriáno)	Tukáno		AM
149	Suruí de Tocantins (Aikewára)	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	PA
150	Suyá (Kisédje)	Jê	<i>Macro-Jê</i>	MT
151	Tapayúna	Jê	<i>Macro-Jê</i>	MT
152	Tapirapé	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	MT
153	Tariána (Tariáno)	Aruák		AM
154	Taulipáng (Pemong)	Karíb		RR
155	Tawandê	Nambikwára		MT
156	Tembé	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	PA, MA
157	Tenharim	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	AM
158	Teréna	Aruák		MS
159	Tikúna (Tukúna)	Tikúna		AM
160	Timbira (Canela, Gavião)	Jê	<i>Macro-Jê</i>	MA, PA
161	Tiriyó (Tirió, Trio)	Karíb		PA
162	Torá	Txapakúra		AM
163	Trumái	Trumái		MT
164	Tukáno (Tukána, Yepámasã)	Tukáno		AM
165	Tuparí	Tuparí	<i>Tupí</i>	RO
166	Tuyúka	Tukáno		AM
167	Txunhuã-djapá (Tsohom-dj.)	Katukína		AM
168	Uru-eu-wau-wáu	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	RO
169	Urupá	Txapakúra		RO
170	Waimirí (Waimirí-Atroarí)	Karíb		AM
171	Waiwái	Karíb		AM, RR
172	Wanáno (Wanána)	Tukáno		AM
173	Wapixána	Aruák		RR
174	Warekéna (Werekéna)	Aruák		AM
175	Warí (Pakaanóva)	Txapakúra		RO
176	Waurá	Aruák		MT
177	Wayampí (Oyampi)	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	AP
178	Wayána	Karíb		PA
179	Wayoró (Ajurú)	Tuparí	<i>Tupí</i>	RO
180	Xakriabá (Xikriabá)	Jê	<i>Macro-Jê</i>	MG
181	Xambioá	Karajá	<i>Macro-Jê</i>	TO
182	Xavánte (A'wén)	Jê	<i>Macro-Jê</i>	MT

183	Xawanáwa (Arara)	Páno		AC
184	Xerénte (Akwén)	Jê	<i>Macro-Jê</i>	TO
185	Xetá	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	PR
186	Xikrín	Jê	<i>Macro-Jê</i>	PA
187	Xipáya	Jurúna	<i>Tupí</i>	PA
188	Xokléng (Xokrén)	Jê	<i>Macro-Jê</i>	SC
189	Yamináwa (Jaminaua)	Páno		AC
190	Yanomám	Yanomámi		RR
191	Yanomámi	Yanomámi		RR
192	Yatê (Carnijó, Fulniô)	Yatê	<i>Macro-Jê</i>	PE
193	Yawalapití	Aruák		MT
194	Yawanáwa ((Yawanawá)	Páno		AC
195	Yekuána (Mayongóng)	Karíb		RR
196	Yuhúp	Makú		AM
197	Zoé (Jo'ê)	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	PA
198	Zoró	Mondé	<i>Tupí</i>	MT, R
199	Zuruahá (Suruahá)	Arawá		AM

Fonte: Rodrigues (2013)